

ILUSTRAÇÃO

N.º 233 — 10.º ano





O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

A' venda o 3.º milhar da

A L E M A N H A
ENSANGÜENTADA

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada
do pintor Roberto, broch. **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por
•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias.....	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acaba de sair a 2.ª edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12\$00** enc. . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Ocalon

dos últimos dias deixou-a num estado de completa prostração. Dôres de cabeça horríveis torturam-na, tornando-lhe impossível participar no Jôgo.

E, contudo, é tam fácil fazer desaparecer as dôres e o estado de abatimento, com rapidez e segurança!

Dois comprimidos de Cafiaspirina é o bastante para acabarem as dôres e restabelecer-se prontamente o bem-estar.

Tome e tenha confiança, pois é absolutamente inofensivo para o organismo.

Cafiaspirina

o produto de confiança.



OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa**, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. 10\$00
- Ensaio sobre educação:**
- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau** — br. 10\$00
- Jardim da Europa**. — br. 10\$00
- Ler e tresler**. — br. 10\$00
- Lição moral e cívica**, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00
- O pintor Carlos Reis**. — 1 fol. formato grande 4\$00
- Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica**. — 64 págs., br. 3\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

- O Bôbo** (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10\$00
- Eurico, o presbítero**, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10\$00
- O monge de Cister**, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00
- Lendas e Narrativas** — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20\$00
- História de Portugal** (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96\$00
- Estudos sobre o casamento civil** — 284 páginas, brochado 10\$00
- História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30\$00
- Composições várias** — 374 páginas, brochado..... 10\$00
- Poesias** — 224 páginas, brochado..... 10\$00
- Cartas** (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20\$00
- Opúsculos:**
- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
- » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
- » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
- » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
- » V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
- » VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
- » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
- » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
- » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
- » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
- Cada volume, brochado..... 10\$00
- Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem**, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. 6\$00
- Entre a vida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Lingua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. 10\$00
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. 4\$00
- Meu (O) menino** — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... 5\$00
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio** (Estudo experimental e clínico)..... 30\$00
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) 15\$00
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... 7\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 332 págs., no formato de 26×18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

- Afonso Lopes Vieira**, um volume.
- Alexandre Herculano**, um volume.
- Antero de Figueiredo**, um volume.
- Augusto Gil**, 1 volume.
- Camões lírico**, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
- Eça de Queirós**, dois volumes.
- Fernão Lopes**, três volumes.
- Frei Luís de Sousa**, um volume.
- Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume.
- João de Barros**, um volume.
- Lucena**, dois volumes.
- Manuel Bernardes**, dois volumes.
- Paladinos da linguagem**, três volumes.
- Trancoso**, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.ª EDIÇÃO
muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras
no texto, 16 estampas a côres em hors-texte
e capa a côres. **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

FOR **JÚLIO DANTAS**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prélúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. . . **17\$00** broch. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,**
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO**

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. **MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado.....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEGNOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas," na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponté de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta</i> — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —**

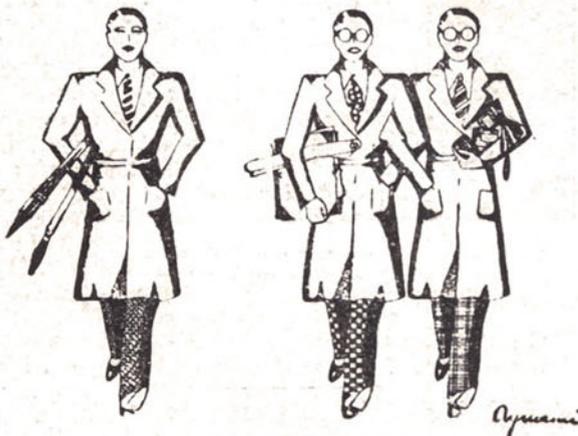
**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1368 **IRMÃOS, L. DA**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

10 PEDIDOS EM CASAMENTO num mês

*Porque razão
os homens se
apaixonam por
esta jovem*



Mlle. X..., de Bolonha, foi pedida em casamento no mesmo mês, por dez rapazes de boas famílias. Entrevistada, Mlle. X disse: «Eu sou vendedora num armazem de novidades. Penso que a única razão de tão numerosos pedidos de casamento é porque eu tive sempre grande cuidado com a tez. Descobri que o emprégo de pós de arroz ordinários seca a pele e torna-a rugosa, grosseira e manchada. Eis o motivo porque emprégo o Pó Tokalon que está misturado com «mousse de crème». Não sómente, esta, suavisa, protege e embeleza a pele, mas dá-me também uma tez esplêndida que permanece fresca e encantadora durante todo o dia. Com efeito mais de um dos meus admiradores, me declarou que era a minha tez fresca de jovem que o tinha seduzido».

A «mousse de crème» científica-

mente misturada com o Pó Tokalon não impede sómente o pó de desecar a pele mas fá-lo conservar-se apesar do vento, da chuva e mesmo dansando na mais aquecida das salas de baile. Dá essa tez duma maravilhosa beleza pela qual todos os homens se apaixonam.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon (Secção I. L.) — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDAÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2.0535

N.º 233 - 10.º ANO
1-SETEMBRO-1935

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Representação de "A Castro" no mosteiro de Alcobaça

RAMENTE a arte teatral portuguesa regista um acontecimento de tamanho vulto como a representação de «A Castro» que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro levou a efeito, no passado dia 25, na portaria do mosteiro de Alcobaça. Amélia Rey Colaço, formoso espirito de artista, concebeu este deslumbrante espectáculo, reunindo com a sua admirável sensibilidade todos os factores emotivos susceptíveis de acentuar a expressão do drama. Sinos, música, efeitos de luz, o cenário natural, a verdade histórica do acontecimento revivido alguns séculos mais tarde no próprio local em que se realizou o entêrro de D. Inez de Castro, tudo contribuiu para dar a este espectáculo um carácter empolgante, e para elevar Amélia Rey Colaço à altura dos grandes encenadores europeus do nosso tempo. Delá disse, com justiça, o critico dum jornal da manhã que «encontrara a expressão definitiva dum espectáculo nacional». A execução da partitura de Ruy Coelho esteve a cargo duma orquestra regida pelo maestro René Bohet. Milhares de pessoas acorreram dos mais diversos pontos do país a Alcobaça para assistir a este magnifico espectáculo. Oxalá que o êxito obtido anime Amélia Rey Colaço a renovar o seu belo empreendimento. É o melhor serviço que se pode prestar ao Teatro Português.





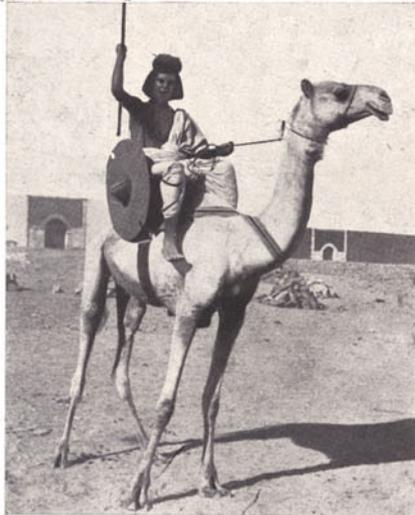
O Negus Teodoro II pedindo a bênção ao patriarca da Alexandria

Se rebenatar a guerra entre a Itália e a Abissínia que extraordinárias coisas não poderão suceder na face do mundo? Os diplomatas dos vários países procuram evitar uma fórmula airosa que possa evocar o primeiro tiro de canhão.

Entretanto, a Itália, de olhos postos numa miragem distante, procura dar consistência ao maravilhoso com o resguardo das frias realidades. Até agora, a concentração de tropas italianas na Eritreia é de dez divisões sob o comando do general Bono. Cinco compostas pelo exército regular com 13 mil homens cada uma, e cinco constituídas por milícias fascistas num efectivo de 45 mil soldados. O número de operários especializados eleva-se a 50 mil.

Póde dizer-se que não têm perdido o seu tempo durante a sua permanência de seis mezes naquela região, instalando depósitos de águas e canalizações várias, acampamentos semi-permanentes, armazéns de víveres e munições, vias de comunicações e transportes, exercícios das tropas, enfim tudo o necessário para que todos estejam prontos a avançar ao primeiro toque de corneta.

O porto de Massuah, que os portugueses abriram à civilização europeia, é hoje o mais próprio e o melhor da Mar Vermelha. Os italianos conseguiram unir ao continente duas ilhas que se encontravam dentro da imensa baía, formada por duas penínsulas. Numa dessas ilhas encontra-se a cidade de Massuah, pos-



Um guerreiro abissínio

frondosa, praças e ruas amplísimas, clima fresco, vivificante e primaveril, aragem constante proveniente do mar e uma temperatura entre 17 e 22 graus.

A sua situação estratégica deu-lhe direito a uma tal prosperidade.

A Abissínia, apesar da impetuosidade das tropas italianas não esmoreceu, dan-

sessão portuguesa em 1520, e cedida, pouco depois aos turcos que em 1870 a trespassaram ao Egipto, e este, por sua vez, a entregou à Itália, julgando talvez não valer a pena oferecer resistência às forças do almirante Caimi.

E' esta a primeira base das futuras operações, visto ser o ponto de partida do caminho de ferro a Asmara que será a segunda base e o centro geral da distribuição.

Asmara — é bom não esquecer — conserva ainda, à semelhança de Ceuta, Azsila e Larache, o escudo com que os portugueses a enobreceram. Hoje, Asmara é uma cidade esplêndida com edifícios modernos, jardins eternamente floridos, passeios magníficos sob ramaria

NAS TERRAS DO

O ímpeto italiano e a fleugma etíope ao frio clarão das realidades

do a perceber que confia plenamente nas suas forças e que saberá bater-se na defesa do seu torrão natal.

Além dos imensos interesses que a Inglaterra tem na Abissínia, salientaremos os do Japão. Em 1930, tendo vários engenheiros nipónicos visitado o Império abissínio, encontraram campos imensos em que se produzia espontaneamente o algodão selvagem. Feito um acôrdo com o negus, vários milhares de camponeses nipónicos entraram, no ano seguinte, na Abissínia e estabeleceram campos de cultivo de algodão. Todos os japoneses enviados eram solteiros, trazendo ordens para poderem casar com abissínias. Segundo o contrato, os filhos destes matrimónios de amarelos com negras seriam cristãos, mas subditos do Império do Sol Nascente. Pouco depois estavam semeados 300 mil hectares de terreno nas proximidades do lago Tsana — espécie de mar situado numa altura que não deixará de ser um dos primeiros objectivos estratégicos do avanço italiano. A produção bruta de algodão segue para o Japão, volta à Abissínia e entra na Europa transformada em tecidos. Que seria da cultura algodoeira na Abissínia e das manufacturas nipónicas e da exportação de tecidos japoneses, se a Itália se apoderasse daquela região? Como se calcula, o Japão, tendo criado formidáveis interesses no império etíope, procurará defendê-los, seja como for.

O primeiro acto de defesa foi decretar que a partir do dia 1 de Janeiro de 1936, o ministro japonês em Adis-Abeba seja elevado a embaixador. A Itália, percebendo o alcance, não perdeu o seu bom humor ao afirmar que, na referida data, o Japão se contentará com um modesto consul. A verdade é que o negus não se mostra assustado com um tal aparato bélico. Conta com um poder enorme que protegerá o seu império e que não será apenas o que a tradição lhe oferece como descendente da formosa rainha do Sabá e do sábio rei Salomão.

Há quatrocentos anos, o Prestes João enviou uma embaixada portentosa a Lisboa, a oferecer os seus préstimos ao rei de Portugal, a pedir-lhe a sua amizade

e a oferecer-lhe, como reliquia preciosa, uma pequena cruz "feita do lenho em que Jesus morrera em Jerusalém". E' ainda o Prestes João que escreve ao nosso D. João III, na sua qualidade de "rei da Etiópia, filho de Nahu, filho del-rei da mão de Maria, filho del-rei da semente de Jacob, este os que nasceram da casa de David e Salomão que foram reis em Jerusalem", a pedir-lhe que lhe mande "homens oficiais de fazer imagens e livros de molde, e de fazer espadas e armas de todo o costume de peleja, e assim pedreiros e carpinteiros e homens que façam mèsinhas, e físicos e cirurgiões para curarem doenças; e assim oficiais para bater ouro e assentá-lo, e ourives de ouro e prata, e homens que saibam tirar ouro e prata de veas, e assim cobre, e homens que façam telha de chumbo e de barro; e mestres de quaisquer officios que necessários são nos reinos; e assim mestres de espingardas".

Isto pedia o Prestes João, imperador da Abissínia, ao rei D. João III de Portugal, remetando assim a sua petição: "Ajudai-me no que vos peço como faz irmão e irmão, e vos ajudará Deus e salvarvos-à das más coisas".

PRESTES JOÃO

e a fleugma etíope das realidades

o que se calcula, o Japão, tendo criado formidáveis interesses no império etíope, procurará defendê-los, seja como for.

Os tempos, pelo visto, mudaram muito. Agora, a Itália esforça-se a mandar para a Etiópia tudo o que o Prestes João tão empenhadamente solicitava do rei de Portugal, e o actual negus não só não agradece como não se digna aceitar a gentileza.

Quem conhece o actual Salassié II afirma que este soberano é duma fleugma inexcedível. A própria morte não lhe faria contrair um músculo da face.



Execuções capitais na praça do mercado de Adis-Abeba

De resto, a fleugma é tradicional entre os soberanos etíopes.

Em 1863, reinando Teodoro II, este apoderou-se de grande parte dos bens da igreja abissínia, cujo chefe é o abuna se se considera sufragâneo do patriarca da Alexandria. O negus entendia que nos seus Estados devia haver apenas uma religião, a de seus avós, e, por isso, abriu uma terrível perseguição aos cultos.

Certo dia, acordando de mau humor, chamou um capitão e ordenou-lhe que fôsse a casa do abuna a dizer-lhe:

— Manda dizer o negus que tu não és mais do que um cão e um burro.

O capitão, atrapalhado, atreveu-se a alvitrar que seria melhor mandar um coronel a desempenhar-se de tão alta missão, visto ele, capitão, não ter categoria para tanto.

— Tens razão — concordou o negus — que vá um coronel.

O abuna, ao receber o recado, limitou-se a responder com um profundo cumprimento.

Por sua vez, o patriarca David, da Alexandria, é que não se resignou em tal humildade ao ver que estavam a ser vendidos os bens do clero. Armou em profeta Natham e foi-se à procura do negus. Este, que não se parecia em nada com o sedutor da linda Berzabé, limitou-se a marcar-lhe audiência. Recebeu-o com a maior delicadeza e ouviu imper-

Do Preste Joam das Índias.



Verdadeira informação das terras do Preste Joam segundo o viço e escravo do padre Francisco Zinzaris capellão del Rey nro señor. Agora nouaete impello por mandado do dito lenho em casa de Xus Rodriguez litrore de sua alteza.

Gravura do Prestes João publicada numa edição de 1740

turbavelmente todas as queixas do patriarca que, em último recurso, lhe lançou a excomunhão no tom mais solene que pôde engendrar.

O negus, sempre imperturbável, esboçando até um sorriso ingénuo, nada disse, como se aceitasse o terrível anátema que atiravam sobre êle.

Pouco depois, como dêsse por finda a audiência, e tivessem entrado todos os seus áulicos, o negus tirou do cinto a pistola e, encostando-a à frente do venerando patriarca, disse-lhe no tom mais humilde que pode conceber-se:

— A sua bênção, meu padre! O patriarca, fazendo das tripas coração, lançou-lhe a mais solene das bênções, à semelhança da que o cardeal enviado da Santa Sé lançou ao nosso Afonso Henriques, após a aparatosa excomunhão que lhe lançara por motivo da irritação papal.

O actual negus não degenerou. Enquanto a Itália se preocupa com preparativos bélicos, numa evocação dos tempos idos de Júlio Cesar que dominou entre os dominadores, e de Tibério que governou na Palestina ainda orvalhada pelo sangue de Jesus, o soberano etíope mantém-se firme e imperturbável, cada vez mais digno da sua gloriosa dinastia salomónica e do seu título de negus que quer dizer rei dos reis.

Mas a razão — a verdadeira razão em que apoia a sua confiança no futuro — essa não a revela a ninguém. Pelo menos, não houve quem, até hoje, conseguisse sondá-la...

De entre as muitas relíquias que conserva com o maior zelo e devoção, a cidade de Santarém dá enorme destaque ao Santo Milagre, cuja história é contada consoante a imaginação do narrador. Uma velha quadra diz assim:

*Fui a Santarém por terra
Pra ver o Santo Milagre:
Nunca vi terra tão santa—
Gente com tanta maldade.*

É injusta a quadra. A gente santarêna é bondosa e hospitaleira por índole. É possível que ainda prevaleça sobre a população de Santarém o terrível anátema provocado pela acção sacriléga duma bruxa judia do século XIII.

Diz a lenda que, no ano de 1266, reinando em Portugal D. Afonso III e governando a Igreja o Papa Clemente IV, vivia na rua das Esteiras, em Santarém, uma pobre mulher a quem o marido dava má vida por andar afeiçoado a uma visinha.

Inculcaram-lhe uma feiticieira judia que daria pronto remédio às suas máguas. Não hesitou um momento, tendo sido aconselhada pela bruxa a que fôsse comungar no dia seguinte, e que, em vez de engulir a partícula, a escondesse na baetilha, e lha trouxesse para sobre a fazer as necessárias rezas que levariam o mau espôso ao bom caminho.

A pobre mulher assim fez.

No dia seguinte, dirigiu-se à igreja de Santo Estevão, que era a sua freguesia, e pediu confissão e comunhão. Atendida como esperava, guardou com toda a cautela a sagrada partícula, embrulhando-a na baetilha, e correu contentíssima, a casa da judia, a fim de dar cumprimento à promessa feita.

Aqui começa a lenda a avolumar-se, pois das dobras da baetilha começa a jorrar sangue. Alí, a pobre mulher corre a sua casa e oculta na arca o seu roubo.

Alta noite, tanto a mulher como o marido fôram acordados por uma luz vivíssima que saía da arca e resplandecia pela casa toda. Tomada de terror, a mulher confessou o que fizera, passando o resto da noite em oração.

Logo que amanheceu fôram avisar o pároco de Santo Estevão, divulgando-se

O SANTO MILAGRE DE SANTAREM

o maravilhoso acontecimento por toda Santarém. A sagrada partícula foi levada em procissão solemíssima à igreja onde saíra.

Começou aqui uma grande questão na escôlha do lugar mais apropriado para se conservar o Santo Milagre. Cada freguesia puxava o interesse para si, alegando as razões que julgava mais próprias e oportunas. No entanto, os paroquianos de Santo Estevão, levando o seu prior à frente, conseguiram provar o seu acrisolado zelo pelo culto divino, tendo ainda a seu favor o facto de ter sido da sua igreja que saíra a razão do prodígio e que, por esse motivo, quando mais não fôsse, não mereciam ser esbulhados deste dote que Deus lhes concedera.

gre de Santarém. Todos lhe respondiam que somente o beneficiado Francisco de Paula Baptista poderia informá-lo, pois

era o possuidor da chave do sacrário quando se dera a invasão de Santarém. Como o Baptista se encontrasse em Lisboa, o patriarca intimou-o a declarar tudo o que sabia acerca do paradeiro do Santo Milagre. O beneficiado, não fazendo grande confiança nas instâncias do prelado, que tinha fama de amigo dos franceses, negou-se a responder, sendo, por isto, encerrado no Aljube em castigo da sua rebelião e desobediência.

Por fim, o Baptista decidiu-se a revelar o seu segredo. A custódia ficara enterrada na vinha do Campo de Valada, mas a hóstia do Santo Milagre trazia-a num relicário pendurado ao pescoço.

O prelado corre ao Aljube e o precioso despojo é conduzido para a capela de Marvila. Ali, após ter sido cantado o *Tantum ergo*, o Santo Milagre ficou colocado no sacrário da capela.

No dia 2 de Dezembro de 1811, voltou a relíquia a Santarém que não a quer perder e a enaltece cada vez mais.

Portanto, quem fôr a Santarém não deve deixar de visitar o Santo Milagre que é um dos maiores orgulhos daquela cidade. Conserva-a com grande devoção, embora não oculte a sua desconfinça por todos aqueles que lhe perguntem pelo caso, nem que seja o próprio Patriarca.

O Santo Milagre é da cidade de Santarém e a ela pertence inteiramente.

Acrescenta a lenda que o mau marido, caído em si, modificou o seu comportamento, tornando-se, a breve trecho um dos homens mais virtuosos de Santarém. Com um pouco mais de boa vontade, teria sido canonizado, e maior renome daria à sua terra. Em boa verdade, a lenda do Santo Milagre, a pesar de toda a ingenuidade que a reveste, e que tão própria era do século XIII, honra a população santarêna e as suas autoridades eclesiásticas. A pobre mulher, a pesar de se deixar induzir pelos conselhos da bruxa, nada sofreu, sendo o seu gesto levado em conta de boa intenção e sem o menor desejo de sacrilégio. Duzentos anos depois, se tivesse procedido assim em Lisboa, saberia quanto lhe custava o roubo da partícula, para mais aconselhado por uma judia. Pode dizer-se que foi um Santo Milagre em toda a linha.



Três gravuras representando o Santo Milagre. É curioso notar a falta de concordância entre os artistas que tentaram reproduzir a imagem

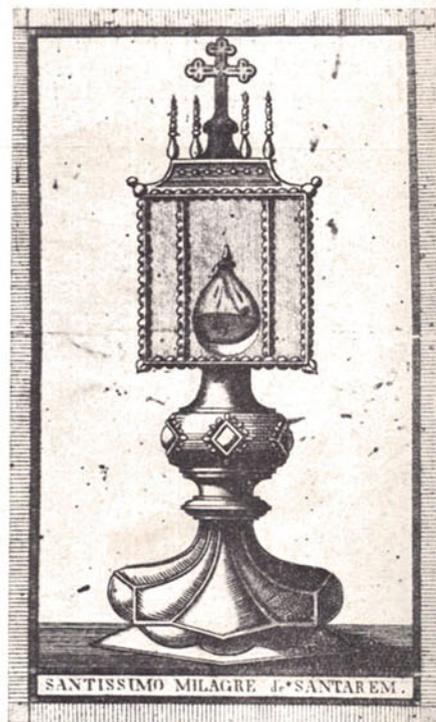
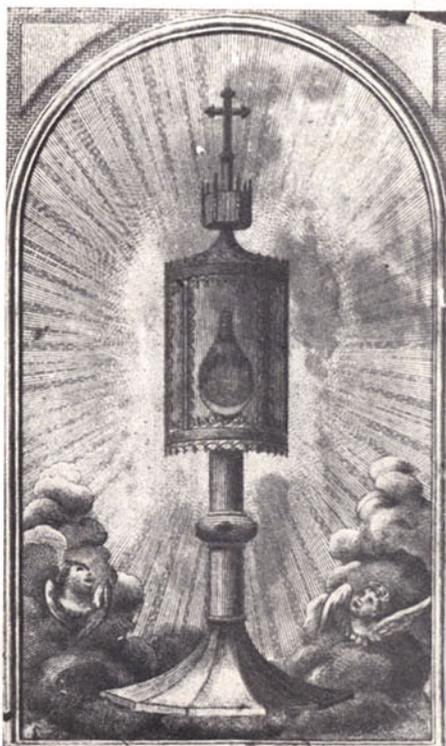
A baetilha foi concedida aos frades de S. Domingos que, por esse tempo, gosavam da fama de santos, e a sagrada partícula do Milagre foi colocada numa espécie de custódia feita de cêra, a qual, por ser mais limpa e pura e pouco sujeita a corrupção, talvez conservasse melhor a preciosa relíquia.

Houve um poeta que, não concordando com a cêra, preteria a prata que sempre valeria mais em qualquer altura. Como namorasse uma senhora chamada Custódia, enviou-lhe a seguinte quadra:

*Ouvi chamar-te Custódia
E o teu nome me agradou,
Pois a custódia é de prata
— E nela Cristo incarnou.*

Diz ainda a lenda que, um dia, celebrando-se na igreja de Santo Estevão a festa do *Corpus-Christi*, o pároco abriu o sacrário, para a adoração, como era uso, da hóstia milagrosa. Nessa altura, verificou que tinha manchas denegridas como sangue pisado e outras rubras como sangue frêso, parecendo que parte delas se tinham pegado à cêra dentro da âmbula de cristal Maravilhado com o novo prodígio, o prior mandou engastar a âmbula numa custódia de prata doirada.

Pouco depois, o patriarca eleito, D. António de S. José e Castro, empregou todas as diligências para saber o que fôra feito do Santo Mila-



TRÊS VÍTIMAS DA AVIAÇÃO

A morte de Will Rogers

o homem mais popular dos Estados Unidos

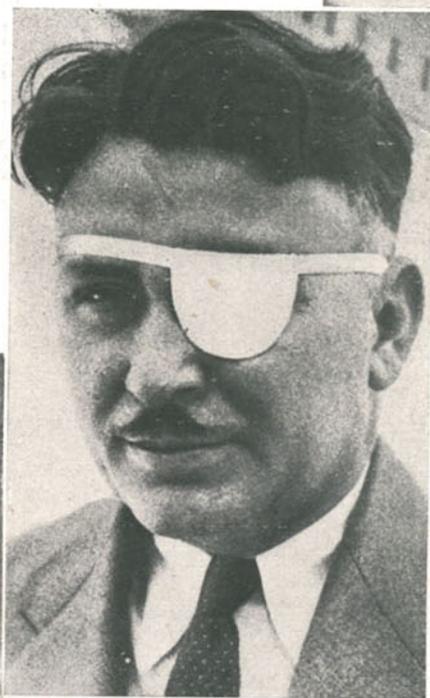
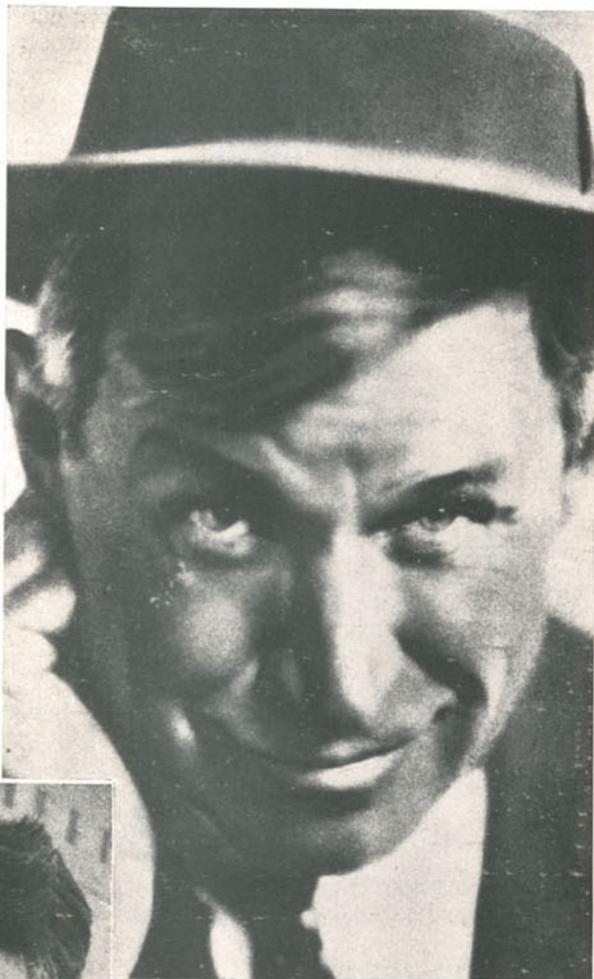
No espaço de poucas semanas, o cinema acaba de perder dois dos seus mais populares actores vitimados por desastres de aviação. Um, o célebre cantor de tangos Carlos Gardel. Outro, o conhecido artista Will Rogers. Com este último perdeu também a vida um dos mais célebres aviadores do nosso tempo: Wiley Post, detentor do «record» da volta ao mundo.

Todos os três conheceram uma vasta popularidade. Carlos Gardel era admiradíssimo, sobretudo na América latina. A notícia do desastre que o vitimou causou uma dolorosa sensação só comparável à produzida pela morte de Rodolfo Valentino de que era, muito justamente, considerado como um sucessor. Wiley Post tornou-se célebre pelos seus audaciosos «raids» e depois de Lindbergh era, sem dúvida, o aviador com mais frequência citado em todo o mundo Will Rogers excedeu-os, porém, e o seu nome foi, nos últimos anos, um dos mais queridos do povo norte-americano.

Não se avalia exactamente na Europa a medida da popularidade dêsse artista que o público português admirou em «Tio Sam na Côte do Rei Artur». Filho dum camponês do «Far West», todo o seu êxito se baseou no facto de ser um americano 100 %. Possuía no mais alto grau tôdas as qualidades e defeitos que são gratas ao espírito yankee. Dotado duma graça espontânea, dedicou-se sucessivamente ao jornalismo, à radiofonia e, por fim, ao cinema. A sua influência aumentava sem cessar. As suas «boutades» faziam

rir a América inteira e eram temidas pelos que serviam de alvo aos seus sarcasmos. Nos últimos tempos do mandato de Hoover, manifestou-se contra êle e êsse facto pesou sensivelmente na derrota do antigo Presidente, que não conseguiu obter a reeleição.

O seu bom senso era proverbial. Isso levou os seus compatriotas a elegê-lo governador de Oklahoma. Declinou porém êsse cargo com uma das suas graças habituais, dizendo que não podia ser governador, uma vez que êle próprio era governado pela mulher. Mais tarde o seu nome chegou a ser indi-



Will Rogers evocava com saudade o passado, recordando os «bons tempos», costumava objectar:

— Não, bons tempos são os de amanhã.

Duas preocupações o dominavam: a crise do desemprego e a aviação. Esta última estava destinada a custar-lhe a vida. Escapara a vários desastres dois dos quais em 1928 quando, no espaço de 24 horas, dois aviões em que tomou lugar capotaram, sendo êle ileso. O destino parecia querer dar razão ao seu inalterável optimismo, mas para lhe reservar um golpe brutal.

No momento em que a morte o surpreendeu, Will Rogers dirigia-se com Wiley Post para o Alaska, a fim de estudar as condições de vida das famílias dos desempregados que o governo norte-americano para ali fizera transportar.

Dizem que no momento em que transportavam o cadáver do infortunado actor lhe caiu do bolso uma fotografia de sua filha, actriz num teatro de Nova York. Era a sua maior afeição e a ela sempre se referia com enternecido orgulho.

Era duma inesgotável bondade. Nos Estados Unidos, onde a filantropia é tão cultivada, Will Rogers fazia-se notar pela sua generosidade. Outra circunstância que o impunha à admiração dos seus compatriotas, é que era um «self made man» na mais completa acepção da frase.

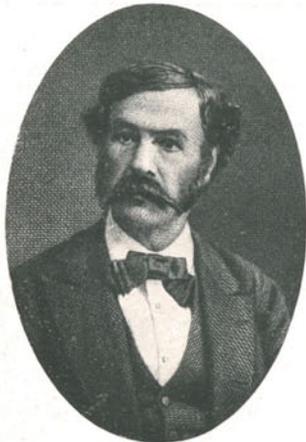
Por tudo isto, os americanos lamentam saudosamente a morte dêsse homem que falava em seu nome e que era, afinal, a própria substanciação do espírito da sua raça.

gitado por alguns *Wiley Post* órgãos da Imprensa para a presidência dos Estados Unidos. Do seu bom senso derivava uma natural modéstia. Costumava dizer:

«Não sou um grande homem, mas sim um homem como todos os outros. Tenho tido a sorte de poder dizer e escrever o que toda a genie pensa.

Como todo o bom americano, era dum optimismo que resistia às mais duras provas.

Quando, ao pé *Carlos Gardel* d'êle, alguém



José Feliciano de Castilho

No dia 17 de Setembro de 1766 nasceu, em Setúbal, Manuel Maria Barbosa du Bocage, um dos maiores poetas de Portugal que a maioria do nosso povo conhece apenas através de piadas e facécias impróprias do seu formosíssimo talento.

Segundo a descrição de Beckford, "Bocage era pouco expansivo e dado à melancolia; e como sucede a génius semelhantes, tinha dias alegres e de excentricidade, e era então que o riso não o fatigava, nem nada lhe causava enfado".

Ajudado por uma memória prodigiosa e por um espírito perspicaz, tinha concluído, aos 14 anos de idade, os seus estudos clássicos, assentando praça como cadete no regimento de Setúbal. Abandonou mais tarde esta arma para entrar ao serviço da marinha, que deixou em 1785, regressando ao regimento de infantaria, onde teve o posto de tenente.

Três anos depois, empreendeu a sua viagem aos estados da Índia, chegando a Goa, após uma aturada e tormentosa viagem. Julgava encontrar ali um El Dorado que os arroubos da sua imaginação lhe tinham feito visionar, e apenas encontrou dissabores, perigos e saudades da sua terra natal. Grangeou inúmeras inimizades pelas sátiras com que vergastava os grandes daquela terra, e principalmente pelo famoso poema obscuro *A Manteigui* em que ofendia a amante do governador D. Frederico Guilherme de Sousa, homem de génio vingativo e traiçoeiro.

Depois de se ter livrado de muitas ciladas e esperas com que tentavam contra a sua vida os piores inimigos, e depois duma perigosa doença, deu baixa do serviço militar, e empreendeu segunda viagem aos mais famosos lugares das conquistas portuguesas. Visitou Macau, e foi respirar máguas junto

A solene inauguração da estátua de Bocage em Setúbal

da gruta do imortal cantor das glórias nacionais:

*Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho o teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c'o sacrilego gigante;*

*Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudosos amante;*

*Ludíbrio como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura;*

*Modelo meu tu és... Mas oh! tristeza!
Se te imito nos transeus da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.*

Ansiando regressar à Pátria, deveu ao governador interino de Macau, Lázaro da Silva Ferreira, os socorros necessários



António Feliciano de Castilho



DIVIDA

Quem pagou a estátua de Bocage em Setúbal?

Um gesto nobilíssimo que deve ser lembrado

para realizar este desejo, e, em Agosto de 1790, entrava em Lisboa, com 24 anos de idade, demitido do seu posto, e sem recursos com que pudesse viver!

Tempos depois, foi alvo duma tenaz perseguição como autor de *papeis ímpios, sediciosos e críticos*, e muito especialmente pela célebre epístola a Marília que começa pela pavorosa *ilusão da eternidade*, e por um soneto dirigido à corte de Roma, após a fuga do papa, em 1797. Tentou escapar-se a bordo duma corvêta que o levaria para o Brasil, mas o intendente geral da policia não tardou em dar com o esconderijo do poeta, e lá o mandou prender.

Ao cabo de acintosas perseguições, Bocage teve a sorte de encontrar um grande amigo que sempre o protegeu até os derradeiros momentos. Foi o José Pedro da Silva — o José Pedro das Luminárias — que se celebrou pelas vistosas iluminações com que ornamentava o seu botiquim das Parras, no Rossio, próximo do Nicola. Ali se reuniam Bocage, Pato Moniz, Bingre, Malhão e outros poetas de nomeada.

Eis como o próprio José Pedro das Luminárias conta o que fez pelo grande poeta:

"Desde o dia em que Bocage caiu doente não lhe desamparei o leito, visitando-o todas as tardes, e afinal quasi permanecendo a seu lado. No progresso

SAGRADA

de Bocage em Setúbal?

que deve ser lembrado

da moléstia, incomodado de observar tanta indigência, e notando que todos os amigos lhe dirigiam produções a que geralmente respondia com bons sonetos, disse-lhe eu: — O sr. Bocage, dá-me estes versos dos últimos dias?

"Não mos recusou, e saí logo de sua casa para a imprensa régia, a dar ao prelo a colecção que corre com o título: *Imprevistos de Bocage na sua mui perigosa enfermidade, dedicados a seus bons amigos*. Passados três dias, andava eu por toda a Lisboa, pedindo a quantos encontrava, um cruzado novo por cada folheto, para Bocage. No primeiro dia passei 112, no segundo 64 e assim seguidamente, cujo produto na mesma noite lhe entregava. Depois, obriguei-o a incluir exemplares a muitas pessoas ricas, em cartas do seu próprio punho, que tinham geralmente em resposta, dez, vinte mil réis, e mais, de forma que não só até à morte subsistiu desses recursos, mas ainda durante anos viveu d'elles sua irmã; e declarava Bocage que nunca em sua vida vira tanto dinheiro junto."

Um Jau desta categoria não teve Camões!

Estando para passar o centenário do nascimento de Bocage, houve um alto espírito que tomou a iniciativa de erguer uma estátua ao imortal poeta. Foi José Feliciano de Castilho que, encontrando-se no Brasil, não descansou enquanto não pôs em prática a sua idéa.

Do lado de cá, contava com o apoio de seu irmão, o visconde de Castilho.

No dia 15 de Setembro de 1865, celebrou uma festa nas salas do Club Fluminense em honra de Bocage, e ali expôs a nobre idéa de perpetuar, em duradouro monumento, a popularidade de que sempre gosou o poeta sadino, sendo nomeada, acto continuo, uma comissão para o realizar. Os tempos não corriam de feição, visto a guerra com o Paraguai absorver todas as energias e atenções; no entanto, à custa de inúmeros esforços, conseguiu-se juntar uma quantia que, não sendo avultada, era sufficiente para um monumento modesto. Esse dinheiro foi depositado pelo tesoureiro da comissão, José Ricardo Moniz, na casa bancária Fortinho & Moniz, do Rio de Janeiro. Pouco depois, esta casa falia, perdendo-se os fundos ali depositados. Segundo o relatório do tesoureiro, o dinheiro adquirido e depositado no referido estabelecimento orçava por 6.735\$220 réis (moeda fraca).

Mas José Feliciano de Castilho, não tendo entrado na tesouraria da comissão com as duas últimas verbas que recebera, salvou ainda a quantia de 1.583\$000 réis,

a qual, reunida com a de 126\$000 réis, importância dum rateio pago pela casa falida, perfez o total de 1.745\$000 réis, que, reduzido a dinheiro forte, ficou em 614\$000 réis.

Vindo, mais tarde, José Feliciano de Castilho a Portugal, aliou-se com seu irmão António, no firme propósito de fazer ir por diante a idéa da estátua a Bocage, que deveria ser levantada na cidade de Setúbal que lhe fôra berço.

Sabe-se que a a estátua erguida nesta cidade custou a quantia de 2.750\$450 réis, e que da subscrição efectuada no Brasil se salvaram apenas 614\$437. Quem pôs os restantes 2.146\$013 réis?

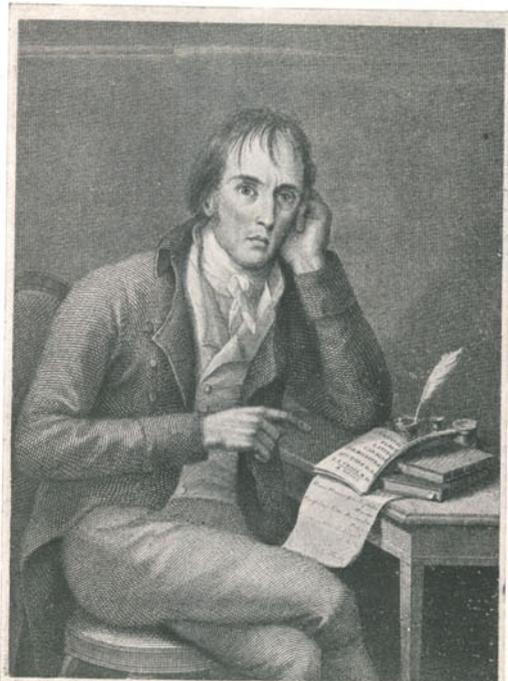
Afirmou-se que José Feliciano de Castilho e o barão de S. Clemente, vice-presidente da comissão nomeada no Rio de Janeiro, contribuíram generosamente com o que faltava. Nada consta no monumento que apenas diz: "A M. M. Barbosa du Bocage, admiradores seus portugueses e brasileiros — MDCCCLXXI".

Em Portugal ninguém contribuiu, nem foi convidado a contribuir para o monumento de Bocage. Tudo veio do Brasil, graças aos brasileiros e aos portugueses ali residentes.

E, como se não bastasse, o grande poeta Olavo Bilac dedicou na sua "Via Lactea" o seguinte magistral soneto a Bocage que, hoje mais do que nunca, todos os brasileiros têm o dever de decorar para ser balbuciado como uma oração:

*Tu, que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ansioso e descontente,
E, quando á lúna vinhas, de repente,
Cheias as mãos de pérolas trazias;*

*Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de limpida nascente,
Dos lábios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lágrimas vertias;*



Bocage
Mestre querido! viverás enquanto
Houver quem pulse o mágico instrumento
E preze a lingua que prezavas tanto;

E enquanto houver um ponto do Universo
Que ama e sofre, e amor e sofrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso.

Olavo Bilac entendeu que o excelso poeta português deverá viver enquanto houver quem preze a lingua que ele prezava tanto. Bem longe estaria o ilustre escritor brasileiro de supor que, anos volvidos, alguns patricios seus inventariam o crisma dessa lingua maravilhosa tão rica e tão harmonica que é hoje falada em todas as partes do mundo.

A esses não chamaria Bocage

Prole fatal do cáldio Brasil

pois, se bem reparasse, verificaria que, na sua maior parte, os nossos piores inimigos nessas terras encantadoras de Santa Cruz são os filhos dos próprios portugueses que por ali vicejaram e degeneraram por mal de seus pecados.

Felizmente são cada vez menos...



A sr.^a D. Maria Antonia Lopes com o sr. Ferdinand Kurt Böhm à saída da igreja, por ocasião do seu casamento

VIDA ELEGANTE

til filha da sr.^a D. Alice Barradas Pita e do sr. João Pita, com o sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos, filho da sr.^a D. Conceição Rodrigues Bastos e do sr. dr. Miguel Angelo Rodrigues Bastos, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e do coronel sr. Jacinto Rodrigues Bastos.

Ao acto presidiu o prior de Carnaxide, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles» na elegante residência dos pais da noiva, seguindo os noivos depois para o Alentejo, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na Basilica de Mafra o casamento da sr.^a D. Maria de Jesus Simões do Paço, interessante filha da sr.^a D. Rosa Gertrudes Simões do Paço e do sr. Amadeu Simões do Paço, com o sr. Emilio Mendes Moura dos Santos, filho da sr.^a D. Emilia Mendes Moura dos Santos e do sr. Adelino Moura dos Santos.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria José Simões Rolim e D. Celeste Ribeiro de Carvalho e padrinhos os srs. Amadeu Paulino Rolim e Pedro Berquó Bastos de Carvalho.

Presidiu ao acto o reverendo Pedro do Prado, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», partindo os noivos para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Helena Lamy Neves, gentil filha da sr.^a D. Marcelina de Sousa Lamy Neves e do sr. Manuel Baeta Neves, com o sr. dr. Augusto Amoedo de Aguiar, filho da sr.^a D. Mariana do Espírito Santo Amoedo de Aguiar, e do sr. João António de Aguiar, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Ao acto religioso, presidiu o reverendo Cruz, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», na elegante residência dos pais da noiva, seguindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Marcelles Monteiro de Sousa Coutinho (Linhares), gentil filha da sr.^a D. Ana Maria Montero de Serra, e enteada do sr. dr. António Serra, com o sr. D. Pedro de Figueiredo Cabral da Câmara (Belmonte), filho da sr.^a D. Rozalia Figueiredo da Câmara e do sr. D. Nuno Figueiredo Cabral da Câmara (Belmonte), já falecido.

Foram madrinhas a sr.^a Condessa de Azaru-jinha e a mãe do noivo e padrinhos os srs. D. Nuno e D. Vasco Maria Figueiredo Cabral da Câmara (Belmonte).

Ao acto religioso, presidiu o reverendo Francisco, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Acabada a cerimónia foi servido no Palácio Palmela, ao Calhariz, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.^a D. Eliza de Oliveira Coelho

de Sousa, interessante filha da sr.^a D. Alzira de Oliveira Coelho de Sousa e do sr. dr. Fernando Coelho de Sousa, consul de Portugal em Berdeus, com o sr. Rui Manuel da Silveira Ribeiro de Meneses, filho da sr.^a D. Marta da Purificação da Silveira e Meneses e do sr. Victor Ribeiro de Meneses.

Serviram de padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Cacilda Carvalho e Meneses e o professor da Escola Militar sr. Major Eduardo Guedes Carvalho e Meneses e por parte do noivo seus pais.

Presidiu ao acto o reverendo Traquinio Marques Rafael, amigo íntimo da família do noivo, que no fim da missa fez um brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servida na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na Basilica da Estrêla, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes da Silva Rodrigues, gentil filha da sr.^a Ana Lopes Brandão da Silva Rodrigues e sr. Apolinio Gomes da Silva Rodrigues, já falecido, com o sr. dr. António Campos da Silva Castel-Branco, filho da sr.^a D. Maria de Conceição Campos Castel-Branco, já falecida e do sr. Manuel de Oliveira Silva Castel-Branco.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Cândida da Silva Rodrigues e D. Maria José de Campos Patrício Trindade, e padrinhos os srs. Dr. Gabriel Osório de Barros e José de Campos Patrício.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe da noiva um finíssimo lanche da pastelaria «Garrett», partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Manuela Gaspar do Nascimento, gentil filha da sr.^a D. Marcolina Gaspar do Nascimento e do sr. Pedro do Nascimento, com o sr. Augusto Carlos Branco dos Santos, filho da sr.^a D. Maria da Assunção Silva Branco dos Santos e do sr. Fernando Augusto dos Santos.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos os srs. Alfredo Artur Moutinho da Silva e Dr. Carlos Santos (filho).

Presidiu ao acto o prior da freguesia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Carlota Guedes de Andrade, interessante filha da sr.^a D. Luzia Guedes de Andrade e do sr. Anibal de Andrade, já falecido, com o sr. Salvador Gomes Vilarinho, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Albertina Vilarinho Teixeira, e de padrinhos os srs. Mil Gomes Madeira Guedes de Andrade e Fernando da Ponte e Sousa.

Ao acto presidiu o reverendo Cruz que no fim da missa fez uma brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», na elegante residência da mãe da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para o sr. António de Almeida, foi pedida em casamento pelo sr. Raúl Rodrigues e por sua esposa, a sr.^a D. Natália Rodrigues Dias Neves, gentil filha da sr.^a D. Alice Rodrigues de Sousa Machado e do sr. António Dias das Neves, já falecido e enteada do sr. Raúl de Sousa Machado.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o próximo mês de Novembro.

D. Nuno.

Mercês honorificas

Foi agraciado respectivamente pelos Governos do Brasil e de Espanha, com o grau de oficial da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e da Ordem da República, o sr. Dr. Júlio Brandão Pais, consul de 1.^a classe actualmente fazendo serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Casamentos

Com grande intimidade, realizou-se na paróquia de Santos-o-Velho, o casamento da sr.^a D. Lucília Valente de Almeida, gentil filha da sr.^a D. Maria José Valente de Almeida, já falecida, e do sr. Raúl Valente de Almeida e enteada da sr.^a D. Amélia Pereira de Almeida, com o sr. José Duarte Martins de Matos.

Serviram de padrinhos o pai da noiva e sua irmã, a sr.^a D. Ilda Valente de Almeida e o sr. Anselmo Martins de Matos, irmão do noivo. Na residência dos pais da noiva, foi servido após a cerimónia um delicado lanche, depois do qual os noivos partiram para Sintra onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido grande número de valiosas prendas.

— Na Igreja de Bemfica realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Antonia Pereira Lopes, filha do sr. António de Jesus Lopes, e sobrinha do livreiro editor sr. António Maria Pereira com o sr. Ferdinand Kurt Böhm, filho do sr. Pedro Böhm, gerente do Banco Pinto e Soto Mayor. A cerimónia, que teve grande intimidade, foi seguida dum elegante copo de água. Os noivos receberam grande número de prendas de alto valor.

— Pela sr.^a D. Emilia Galvão Teles, viúva do sr. Adriano Teles, foi pedida em casamento para seu filho Alberto, a sr.^a D. Maria Clotilde de Vasconcelos Archer e Silva, interessante filha da sr.^a D. Maria Eduarda Pais de Vasconcelos Archer e Silva e do sr. dr. Henrique Archer e Silva, já falecido e neta do sr. conselheiro Augusto José da Silva.

A cerimónia realizar-se-há ainda este ano. — Na capela de S. José de Ribamar, realizou-se o casamento da sr.^a D. Alice Barradas Pita, gen-

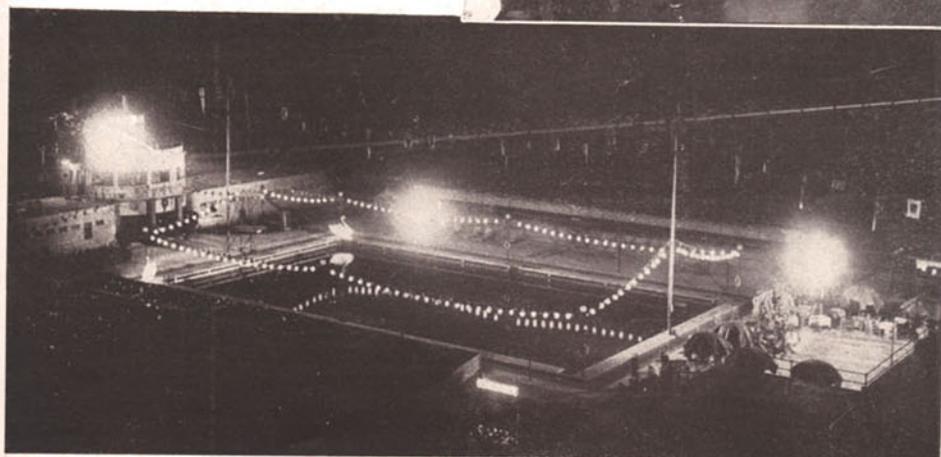
O "Rallye,, e "Fim de semana brasileiro,, na Curia

POR iniciativa, respectivamente, do Automóvel Club de Portugal e da nossa colega na Imprensa D. Carolina Homem Cristo, realizaram-se na Curia o 1.º "Rallye,, da Curia e o "Fim de semana brasileiro,,.

No "Rallye,, inscreveram-se os nossos melhores volantes e foi seguido pela prova da Rampa da Cruz Alta no Buçaco. Quanto ao "Fim de semana brasileiro,, constou de duas



Ao alto: Os vencedores do «Rallye» com os troféus ganhos. A' esquerda: A Piscina-Praia «Paraíso» iluminada durante a «Noite baiana»



a distinta actriz Maria Sampaio e o brilhante amator Armando da Câmara Rodrigues cantaram magistralmente várias canções brasileiras e portuguesas que a selecta assistência aplaudiu com grande entusiasmo.

Após os improvisados saraus, dançou-se animadamente até de madrugada, ao som da exímia orquestra privada do Palace Hotel.

Durante o baile no Palace proce-

interessantes festas: a "Noite baiana,, na Piscina-Praia "Paraíso,, e o "Baile baiano,, no salão de festas do Palace Hotel, que foi precedido dum jantar de gala em honra dos automobilistas que tomaram parte no "Rallye,, e Corrida da Rampa.

Tanto na festa da Piscina-Praia "Paraíso,, como na do Palace Hotel,



Em cima: Um aspecto do «Baile baiano» no Palace Hotel. A' esquerda: Um grupo de automobilistas preparando-se para um agradável banho na Piscina-Praia da Curia



deu-se à distribuição dos prémios pelos vencedores do "Rallye,, e Corrida da Rampa.

Pelo brilhante êxito que alcançaram, estas festas ficam, decerto, assinaladas nos anais mundanos da Curia pelo que só cabem elogios aos seus organizadores e ao hoteleiro sr. Alexandre de Almeida.



O juiz porta Gabriel Pereira de Castro

VOLTOU a falar-se na adaptação da igreja de Santa Engrácia, a fim de ser transformada em Panteão Nacional, e, nesta intenção, foi nomeada uma comissão para estudar o assunto.

Esta notícia, soprada aos quatro ventos pela imprensa diária, fez sorrir os seus numerosos leitores.

É que o povo habituou-se a acreditar na velha tradição das eternas obras de Santa Engrácia, chegando a tomá-las como um símbolo.

Concluir aquelas obras seria cometer um sacrilégio, e aceitar a culpabilidade dum inocente que morreu na fogueira entre os maiores horrores.

Três séculos decorridos sobre esta desgraça, aquelas pedras continuam a ser o pelourinho dos juizes lavrantes de tão iníqua sentença.

Relatemos os factos:

Na manhã de 16 de Janeiro de 1630 appareceu roubado o cofre das partículas da igreja de Santa Engrácia. A justiça empregou, acto contínuo, todos os meios, então em uso, para a descoberta do autor do crime. Foram lançados pregões proibindo os moradores de Lisboa de saírem de suas residências até segunda ordem. Entretanto, as autoridades enviavam os seus agentes a todas as casas, inquirindo que pessoas tinham saído naquela noite, onde tinham estado, e a que horas tinham recolhido.

Com tão severas me-

didias asfixiava-se. Todos os negócios ficaram suspensos, pois só se pensava no desacato, receando cada um a malvadez dum inimigo que, com uma simples desconfiança, o arrastaria ao mais atroz dos supplicios.

Era tal o empenho de descobrir o criminoso que muitos fidalgos afixaram editais, oferecendo dois mil cruzados ou empregos tentadores a quem descobrisse o autor do crime.

Na noite seguinte, a justiça surpreendeu um indivíduo, rondando a cavallo as proximidades da igreja. Interrogado, não soube explicar a sua presença naquele local, e muito menos a razão de ter entrapado os cascos do animal para que se lhe não sentisse o tropear.

Se o roubo das partículas sagradas tinha sido efectuado na véspera não era natural que o ladrão tivesse a ideia de voltar à igreja, tanto mais que havia vedetas por toda a parte.

A inocência de Simão Lopes Solis — assim se chamava o homem — estava bem evidente.

Quem não concordou com tais razões foi Gabriel Pereira de Castro que, valendo-se da sua situação de corregedor do crime da Corte, procurador geral das ordens militares e chanceler-mór do reino, se encarniçou contra o pobre priso, cuja inocência elle conhecia melhor do que nin-

As obras incompletas de Santa Engrácia



UMA HISTORIA ARRIPIANTE

As eternas obras de Santa Engrácia podem encontrar fim algum dia?

guém. Porque motivo passava o Solis, a tais horas, com os cascos do cavallo entrapados? Ia avistar-se com uma freira do convento de Santa Clara que repelira os galanteios de Gabriel Pereira de Castro e os bilhetes perfumados com versos enternecidos que este em horas de inspiração lhe dedicara.

Sabia-se que o magistrado era rival de Simão Solis, e que, requestando a mesma freira, fora este o preferido. Gabriel Pereira de Castro, esquecendo-se de que a principal razão da sua derrota consistia na sua idade de sessenta anos quasi feitos, jurou vingar-se do afortunado mancebo. Sabendo que elle ia todas as noites falar à freira, mandou vigiá-lo, sendo apanhado junto da igreja e considerado suspeito no sacrilégio da véspera.

Levado ao cárcere, o desventurado rapaz não soltou qualquer declaração que pudesse prejudicar o bom nome da sua amada. E, no entanto, poderia salvar-se, contando toda a verdade.

Refere a tradição que, um dia, recebera na prisão dois melões — um calado e outro inteiro — com este laconico bilhete: "o calado é o melhor." Solis compreendeu a súplica que a sua bem-amada lhe dirigia por tão engenhosa maneira.

Sucedesse o que succedesse, nada diria. E assim ouviu, impávido e firme, a terrível sentença que o condenava a uma morte afrontosa e cheia de torturas inconcebíveis.

Segundo um velho manuscrito, "o juiz Francisco Lopes de Barros votou na primeira sentença, que não morresse; mas, na segunda, que foi sobre os embargos, seguiu os mais. Votou também o desembargador Diogo Lobo Pereira, e sempre que não morresse, pois que não havia outra prova do que a dos indícios e esses mesmos contraditórios.

A sentença foi dada no dia 31 de Janeiro de 1631, efectuando-se a execução no dia 3 de Fevereiro, no Campo de Santa Clara, com a assistência dos dois corregedores do crime da Corte, Gabriel Pereira de Castro e Manuel Alvares de Carvalho

com todas as mais justizas. O condenado mostrou grande animo quando lhe cortaram as mãos e o içaram a um mastro afim de ser queimado em fogo lento. Aceitou o vinho que lhe ofereceram, invocando sempre o nome de Jesus e da Virgem do Rosário. Em face duma tal crueldade, três homens perderam os sentidos.

Quem pouco se apoquentou com isto foi Gabriel Pereira de Castro que, impando na sua vingança saciada, se dirigiu talvez a sua casa, a concluir um dos mais belos cantos do seu poema "Ulisséa," que não chegou a ver em letra de fôrma, pois foi publicado seis anos depois da sua morte.

Vem a propósito dizer que, quando o juiz Gabriel Pereira de Castro lia a sentença, se embaraçou de tal maneira que não atinava com o que dizia. Reparou nisto D. Diogo de Castro — então vice-rei de Portugal por D. Filipe de Cas-

tela — que lhe jogou este remoque: "Ainda não sabe ler?"

Gabriel Pereira de Castro tentou cobrar animo, e concluiu a leitura:

"O que tudo visto e o mais dos autos, e como pelas sobreditas causas se convence o reu ser o que cometeu este abominável caso e tremendo sacrilégio, assim o declaram, e como a reu convencido por violentísimas presunções, o condemnamos a que com barço e pregão pelas ruas publicas e costumadas, seja o dito reu arrastado e levado ao Campo de Santa Clara, onde está a dita igreja de Santa Engrácia, e aí lhe serão decepadas ambas as mãos, que serão queimadas à sua vista, e em um mastro alto, à vista de todos, será posto, onde será queimado vivo. E seus bens que se lhe acharem serão applicados à confraria do Santíssimo Sacramento da mesma igreja para que o juiz e confrades

da confraria, que novamente se instituiu, a seu arbitrio gastarem os ditos bens no que lhes parecer para mais ornato do sacrário e capela-mór e outras obras do culto do dito Senhor. E mandam que sendo o dito reu levado ao dito lugar, e feito por fogo em pó, suas cinzas serão lançadas no mar, para que de todo se extinga a sua memória; e pague as custas destes autos. E aos artigos allegados, e propostos em suas razões não deferem, visto o que dos autos consta. Lisboa, 31 de Janeiro de 1631. — Gabriel Pereira de Castro, Manuel Alvares de Carvalho, Baltazar Fialho, Francisco Lopes Barros, Cid de Almeida, André Velho da Fonseca, Luiz de Goes de Aragão, João Pinheiro, António de Abreu Coelho, Francisco Leitão."

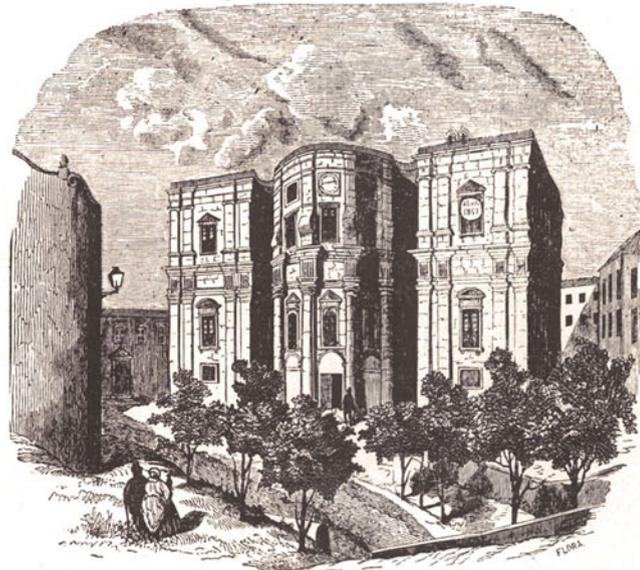
Em face desta iníqua sentença, o povo murmurou a tal ponto, que se avolumou a certeza de que com a ajuda do dinheiro arrancado a um inocente nunca as obras de Santa Engrácia podiam ter fim.

E assim succedeu.

Fim tiveram o rancoroso Gabriel Pereira de Castro que morreu dali a meses, o mesmo succedendo ao seu cúmplice Manuel Alvares de Carvalho.

Como remate, devemos citar que anos depois desta infame execução, appareceu na Galiza o verdadeiro autor do sacrilégio que, ao ser conduzido à fôrça por crime de roubo, declarou ter sido elle quem roubara o cálice das partículas da igreja de Santa Engrácia, calculando que fôsse de ouro. Nesse tempo empregava-se como criado dos frades no convento de Santo Eloi em Lisboa.

É esta a triste história das obras de Santa Engrácia!



Um arçecto do templo em 1870

VLYSSEA.
O V
LYSBOA EDIFICADA.
POEMA HEROICO.

COMPOSTO PELO INSIGNIF.
Doutor Gabriel Pereira de Castro, Corregedor,
que foy do crime da Corte, & nomeado por
S. Magestade pera Chanceler mór
do Reyno de Portugal.

A EL REY NOSSO SENHOR.



Impressão feita em Lisboa por Lourenço Craesbeck impressor da Real. 1630.
Accusa de Paulo Craesbeck mercador de livros.

O poema «Ulisséa»

HUMORISMO

UM sujeito conhecido pelas suas calinadas visita a casa dum amigo e no jardim, ao ver um relógio solar, pergunta ao dono da casa:

— Que vem a ser isto que aqui tens?

O interpelado responde com uma sucinta explicação, que o outro remata com o comentário:

— É o que eu te digo, homem, Estão sempre com idéas novas.

— Papá para que servem os anúncios?

— Para a gente comprar aquilo de que não precisa com o dinheiro que não tem.

Confidência a uma amiga.

— Estou muito contrariada, sabes? Imagina que escrevi ao José a dizer-lhe

O curioso: Gostava que me explicasse porque gosta tanto de animais.

O dono do cão: Porque não fazem perguntas...

O «groom»: O hóspede do quarto vinte sete quer saber onde é a escada de salvação.

O gerente do hotel: Quarto vinte sete... Pagou adiantado. Pode indicar-lhe.

Os jornalistas franceses possuem como ninguém a "verve" que lhes permite tirar os melhores efeitos dos

mais insignificantes factos. Eis como há

tempo um deles relata um triste "fait divers".

"O sr. F... teve ontem a curiosidade de espreitar para dentro do cano de sua espingarda de caça. O funeral realiza-se hoje da casa mortuária do hospital de—".

Simplicio chegou a casa numa noite de temporal e preparou-se para se meter na cama. Enquanto se despiá, os relâ-

pagos rasgavam lá fóra o negrume da noite. Em certa altura Simplicio ficou imóvel com um sapato na mão.

— Que fazes? — perguntou-lhe a mulher ao vêr que êle não se mexia — Porque não acabas de te descalçar?

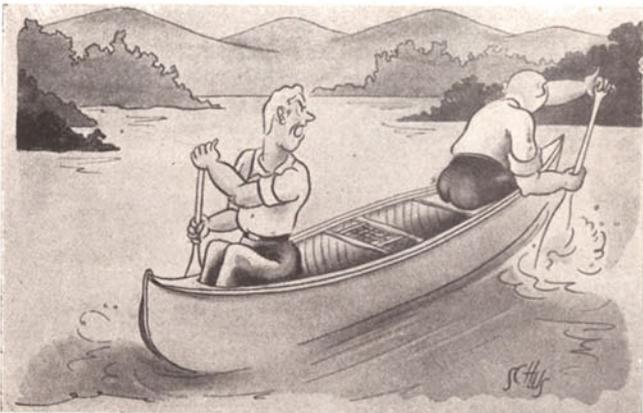
— Estou à espera do próximo trovão — esclareceu o Simplicio — para não incomodar os vizinhos de baixo.

Leon Bailby, um dos mestres dos jornalismo francês, dizia há tempo a um colega:

— Um bom folhetim deve começar assim: "Então o morto levantou-se e disse...". Depois disto não há ninguém que resista à tentação de continuar a lêr.



— Anda cá, ruirão! Vem aqui ao pé deste senhor que êle não te faz mal.



— Muito bem! Nesse caso, cada um de nós seguirá o seu caminho.

que se esquecesse de que eu lhe tinha dito que não queria reconsiderar na minha decisão de não mudar de idéa. E parece-me que êle interpretou mal.

Tomaz: Mãzinha, posso ir hoje de tarde ao jardim Zoológico ver os macacos?

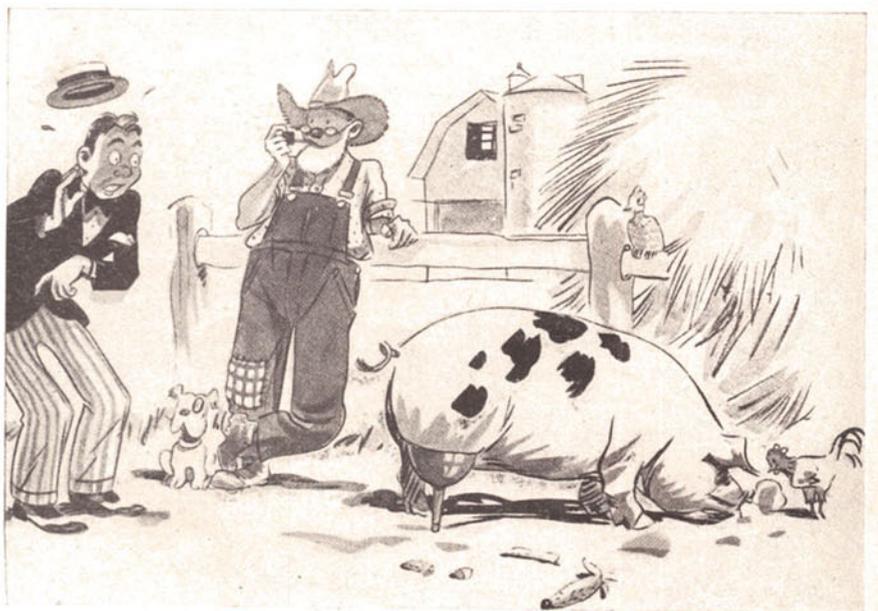
A mãe: Parece impossível que peças isso, meu filho, quando sabes que temos hoje a visita do tio André.

Num serão de arte a que assistia, Bernard Shaw viu-se obrigado a escutar uma pretensa criança-prodígio que durante mais de uma hora tocou violino de fôrma a contender com os nervos mais tranqüilos. No final todos prodigalizaram aplausos e elogios ao talentoso menino e a mãe dirigindo-se a Bernard Shaw, que se mantinha silencioso quis saber a opinião dêste.

— Esta criança faz-me recordar Paderewski...

— Paderewski?! — objectou a senhora, estupefacta — Mas Paderewski não toca violino.

— Pois exactamente por isso, minha senhora.



— Compreende que era uma barbaridade matar o pobre animal, quando nos so precisavamos, por agora, dum presunto.

MARAVILHAS DO PROGRESSO

O avião sem piloto

comandado a distância por T. S. F.

Em aviação as novidades sensacionais são frequentes. A última delas excede porém os limites vulgares. E muito embora o problema estivesse já de há muito teoricamente estudado, a sua realização não causou por isso menos assombro.

A imprensa diária referiu-se ao acontecimento que é em resumo o seguinte: o Governo inglês procedeu a demonstrações oficiais de aviões sem piloto, dirigidos a distância por T. S. F. Há já dois anos que experiências dêsse género se realizavam secretamente nas costas da Inglaterra. O invento apresenta-se por isso sob uma forma que se pôde considerar quasi definitiva e num futuro não muito distante virá por certo acrescentar-se ao número das modernas armas de guerra.

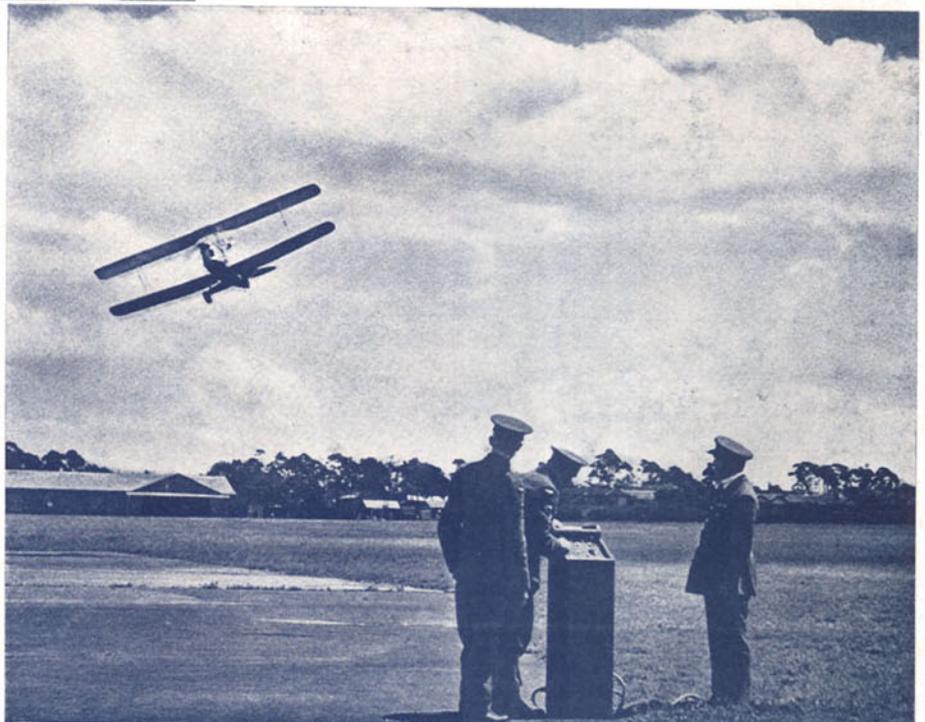
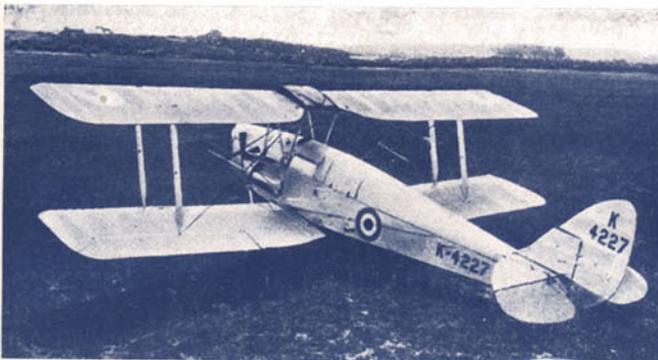
Até hoje os aviões sem piloto têm sido utilizados apenas como alvos para exercício das baterias terrestres e navais de tiro anti-aéreo. Três, aparelhos foram assim abatidos, sendo um dèles

«Queen Bee» foi exibido, mas não voou. Como se compreende, o aparelho rádio-eléctrico que assegura o comando do avião em pleno vôo, constitue segredo militar nada se conhecendo por isso das suas características. Sabe-se apenas que pode ser aplicado indiferentemente a qualquer tipo de avião ou hidro.

Dentro do campo puramente científico um invento dêsse género oferece extraordinário interesse. É fácil de calcular as inúmeras applicações do que elle é susceptível e os magníficos meios que põe ao serviço da civilização. O domínio do homem sobre a matéria ficará por elle consideravelmente aumentado. Infelizmente, a própria natureza do invento e a imperfeição da Humanidade, destinam-no por certo a um fim menos nobre. O avião sem piloto será, antes de tudo, um mortífero engenho de guerra apto a espalhar a morte e a desolação entre os povos. Há muitas proba-

bilidades de que numa futura guerra as populações indefesas sejam sobrevoadas por enxames de aparelhos que, dirigidos friamente a distância, deixem cair sobre as cidades inimigas a sua carga de bombas incendiárias ou gases tóxicos. A guerra assumiria, nesse caso, um carácter mais desumano ainda. Os homens não lutariam contra homens mas contra máquinas. E o seu sofrimento não teria paralelo no adversário inorgânico e insensível animado por diabólico engenho.

A' esquerda: (1) «Queen Bee» antes de levantar vôo. Em baixo: O avião evoluçionando comandado da terra



O aparelho rádio-eléctrico que colocado em terra permite fazer manobrar no espaço o avião sem piloto.

nas manobras da esquadra britânica, a que assistiu Jorge V. Como é de calcular este género de exercícios resulta muito dispendioso e o aperfeiçoamento nos métodos de tiro a que pôde dar lugar não está em relação com o custo que a destruição dos aparelhos comporta. A sua applicação em determinadas missões militares, como vôos de exploração fotografica ou bombardeamentos particularmente perigosos, parece no entanto assegurada.

A primeira demonstração oficial realizou-se em Farnborough, no dia 26 de Junho último. O avião denominado «Queen Bee» (Abelha-mestra) executou com o maior rigor diversas evoluções. Dentro dèle seguiu um aviador que, sem tomar parte no comando, pôde verificar o perfeito funcionamento do subtil mecanismo.

Como é natural, o invento encontra-se ainda na infancia. As suas realizações são já, porém, consideráveis.

Assim, o aparelho evoluciona e obedece fielmente ao comando a uma distância de dezoito quilómetros do posto emissor. Pôde também elevar-se a três mil metros de altitude. Successivos aperfeiçoamentos da aparelhagem virão sem dúvida aumentar este raio de acção.

No grande «meeting» aéreo de Hendon, o maior festival de aeronáutica da Grã-Bretanha, o



Uma sessão do Senado na Cidade Livre

pressão exercida pela Inglaterra, o governo polaco viu-se obrigado a estabelecer um tratado com Dantzig, o tratado de Paris de 1920, segundo o qual o seu poder foi diminuído. Em contrapartida a Cidade Livre foi considerada por esse mesmo tratado como fazendo parte do território aduaneiro da Polónia e a Alfândega

O recente conflito entre Dantzig e a Polónia despertou nos círculos internacionais não só interesse, mas também um justificado temor. Não porque uma guerra económica entre dois adversários pudesse ter tanta importância. Mas na realidade, não se trata apenas de guerra económica. A questão atinge o prestígio da Polónia, põe a nu os verdadeiros desígnios de Berlim, faz perigar a amizade germano-polaca, influe na política interna da Polónia e é, sobretudo, uma nova ameaça para a paz mundial. Apesar do que os factos são bastante conhecidos, parece-me útil recordar alguns para aclarar o problema e tornar mais compreensíveis as soluções a esperar ou a temer. Façamos, pois, um pouco de história:

Segundo o tratado de Versalhes, a Polónia tinha o mais completo poder sobre Dantzig, o que despertava contínuos protestos da parte de Dantzig e da Alemanha perante a Assembleia de Genebra. Mais tarde, quando a situação internacional da Polónia era menos favorável em consequência da guerra com a Rússia e da

de Dantzig passou a depender do Tesouro Polaco. Querida isto dizer que todas as mercadorias destinadas à Polónia podiam ser enviadas a Dantzig, onde se pagavam os direitos segundo a tarifa polaca.

Esta situação dava origem a conflitos e havia uma luta constante até ao momento em que no Senado de Dantzig triunfaram os nacionalistas. Parecia na realidade que estes tinham grande empenho em fazer a paz entre Dantzig e a Polónia. E após a declaração do ministro Beck em Genebra de que a Polónia não recorrerá mais à S. D. N. — declaração feita quando duma discussão sobre minorias nacionais — parecia que a Cidade Livre

À esquerda: Um marco na fronteira germano-polaca - "antiquidade, onde se lê: "tratado de Versalhes" e a data de 28 de Junho de 1919. Em baixo: A curiosa fachada do edifício do Arsenal de Dantzig



À VOLTA DUMA QUESTÃO DE TARIFAS ADUANEIRAS

O problema de Dantzig e as suas repercussões na política da Europa

e a Polónia resolveriam todos os seus problemas amistosamente. Era sobretudo no presidente do Senado, o sr. Rauchning que se fundavam todas as esperanças. Homem de inteligência e boa fé, Rauchning queria sinceramente a pacificação e diz-se também que é ele o iniciador da amizade germano-polaca. Mas esta mesma amizade, ou melhor o pacto de não-agressão germano-polaco, influe dum maneira inesperada nas relações de Dantzig e Varsóvia. Após uma troca de visitas e outras amabilidades germano-polacas, a situação em Dantzig modifica-se.

Primeiro foi a queda de Rauchning, a quem sucede o enigmático Greiser, verdadeiro instrumento manejado por Albert Forster, jovem chefe dos nacionalistas-socialistas de Dantzig. Este homem, que não tem preparação alguma para o seu alto posto, dizem que foi educado pela irmã de Adolfo Hitler, e que o

sua adesão, a saída do ouro do Banco de Dantzig para a Alemanha e também os escandalosos roubos dos dirigentes da política nacional-socialista em Dantzig, roubos tão conhecidos como o de Vor Wunk, presidente do Parlamento, arruinam a Cidade Livre.

Começa então a actuação contra a lei: o Senado decreta um novo regulamento para os valores estrangeiros e pouco tempo depois a desvalorização da moeda de Dantzig, o *gulden*.

O comerciante de Dantzig passou a receber cambiais para comprar mercadorias na Alemanha e a não os receber para as suas compras na Polónia. Os direitos da Alfândega das mercadorias entradas em Dantzig passaram a ser pagos em moeda de menor valor: o *gulden* desvalorizado.

Estes decretos despertaram na Polónia o desejo de defender-se contra a violação das leis e contra os prejuízos económicos que daí lhe advinham.

Havia a possibilidade de pedir a intervenção do Alto-Comissário de Dantzig, o inglês Lester, para que este levasse a questão a Genebra. Mas havia o costume de tratar os assuntos directamente com Dantzig e, além disso, para o dirigente da política externa da Polónia não podia ser agradável recorrer a Genebra depois da declaração por ele próprio feita e a que atrás nos referimos.

Por fim, a Polónia respondeu com uma acção directa à acção directa de Dantzig. Pelo decreto de 18 de Julho os direitos

Um guindaste do século XV nas margens do Vístula, que segundo reza a tradição era movido por prisioneiros de guerra

aduaneiros sobre mercadorias destinadas à Polónia têm de ser pagos, não em Dantzig, mas na Polónia. A visita de Beck a Berlim não influe nestas disposições hostis e segue-se o decreto do Senado de Dantzig sobre a importação livre de alguns artigos que deu origem ao perigoso conflito a que acabamos de assistir.

E' fora de dúvida que a questão foi objecto de negociações secretas e que estas não se realizaram nem em Varsóvia nem em Dantzig, mas sim em Berlim. Também não pode haver dúvidas que os dirigentes da política alemã provocaram um conflito grave para ver qual a atitude do governo de Varsóvia até onde ia a "amizade", polaca.

A posição do gabinete de Varsóvia neste problema é muito difícil. Perder Dantzig significa não apenas um grande prejuízo económico, mas também um golpe moral tão forte que seria perigoso para qualquer Governo que não seja o do falecido marechal Pilsudski, pois só as decisões deste pareciam sempre boas ao país. Mas a situação dos seus discípulos e sucessores é já diferente. Perder Dantzig significa para eles perder a estima e talvez a obediência da nação. Apesar dos esforços dos meios governa-



mentais para contestar importância ao sucedido, a oposição das Direitas aproveitou logo a ocasião para atacar directamente Beck e indirectamente todos os membros do actual Governo.

A opinião pública exige decisões rápidas e enérgicas. Mas como se pode reduzir a Cidade Livre à obediência se ela conta com a protecção do "Führer"?

Que exigiu Berlim em troca da docilidade de Dantzig? Uma aliança militar com a Polónia? Créditos mais largos?

Há muitas suposições mais ou menos fantásticas, mas nada parece demasiado fantástico. Que fará o Governo polaco quando os desejos e apetites dos seus amigos alemães forem impossíveis de satisfazer? Dirigir-se a Genebra? Ocupar Dantzig militarmente, o que significaria a guerra?

Entretanto, o ambiente em Varsóvia mantém-se tranquilo. A dois passos duma profunda modificação interna, a dois passos talvez da guerra, o cidadão polaco conserva-se sossegado. Não pensa no futuro nacional, não é seu costume pensar em política: para isso havia ontem o marechal Pilsudski e há hoje os seus discípulos e amigos. Mas amanhã?

Aspecto geral da cidade de Dantzig Sofia Krawtyk — Varsóvia





A Ceia em Betânia por Paulo Veronese

ESTAVA Paulo Veronese em plena pujança da sua fama de artista inimitável, quando os monges do Convento de S. João e S. Paulo de Veneza, vieram solicitar-lhe o obséquio de pintar uma Ceia de Cristo para o seu refeitório. Sabia-se que o pintor se fazia pagar principescamente e que, tendo herdado a leveza de Rafael e o colorido de Ticiano, possuía o orgulho destes dois artistas juntos. No entanto, só o insigne Veronese seria capaz de realizar uma obra digna da imponência da sala e do bom nome do mosteiro.

O pintor aceitou o encargo, e, com tão boa vontade lhe pegou, que dentro de alguns meses estava concluído. O assunto escolhido foi a Ceia de Betânia em que Jesus perdoou à Madalena todos os seus pecados pelo muito que esta tinha amado. Havia, no entanto, uma dificuldade a vencer. Atendendo às dimensões da tela, o artista foi forçado a pintar mais figuras do que as indicadas pelo rigor religioso.

Decorou aquilo como melhor entendeu, dando largas à sua ilimitada fantasia. Meteu bôbos, papagaios e cães até preencher o espaço.

O quadro, embora primorosamente pintado, foi alvo da crítica mais severa, salientando-se que algumas das figuras ali expostas eram ridículas e até irreverentes para uma composição daquela natureza.

Os inimigos do artista, róidos de inveja, não deixaram perder esta oportunidade para o intrigar e deitá-lo até a perder, se tanto fôsse possível.

No dia 18 de Julho de 1573, Veronese foi intimado a comparecer no tribunal

do Santo Offício. Procuraremos dar, o mais fielmente possível, o interrogatório que ainda existe em Verona, cidade natal do glorioso pintor.

Interrogado acerca das culpas que deveriam pesar-lhe na consciência, e convidado a confessá-las publicamente, declarou nada ter a confessar, ignorando até o motivo da sua chamada àquele tribunal.

— Nem ao menos supõe?

— Suponho que fui citado por causa do quadro que pintei para o refeitório dos monges de S. João e S. Paulo. Penso isto depois do que me declarou o prior do convento que foi o primeiro a ser chamado. Segundo me disse, vossas senhorias ordenaram que mandasse pôr no quadro a Madalena em vez do cão. Afirmei-lhe que faria o que quizessem para minha honra e honra do quadro, embora não compreendesse que espécie de realce lhe daria a figura de Madalena, por muitas razões que direi, se me derem licença para as dizer.

— Nessa ceia de Cristo pintou mais algumas pessoas estranhas ao assunto? Quantas representou e que profissão deu a cada uma?

— Representei, em primeiro lugar o dono da casa, e, abaixo d'ê, um criado, visto ser natural que viesse ali para observar o arranjo da mesa. Há outras figuras

de que não me lembro, pois há muito tempo que as pintei.

A Divina Arte no banco dos reus

PAULO VERONESO E A INQUISIÇÃO

Curioso interrogatório do mestre veneziano à cerca dum quadro seu

de que não me lembro, pois há muito tempo que as pintei.

— Que significação pretendeu dar àquella figura que aparece a deitar sangue pelo nariz?

— Um mero acidente que poderia ter-se dado, mercê de qualquer circunstância.

— E que significam aquêles homens armados e trajando à moda da Alemanha, com alabarda na mão?

— Nós, os pintores temos essas liberdades de que tanto usam e abusam os poetas e os loucos.

Pintei assim, sem pensamento reservado, os alabardeiros, um bebendo, outro comendo, mas prontos a desempenharem qualquer comissão. Calculei até que o dono da casa, pessoa de haveres e generosa, segundo o que me disseram, não deixaria de ter tais homens ao seu serviço.

— E com que fim pôs no quadro o que está vestido de bôbo com um papagaio na mão?

— Por simples ornamento. De resto, é uso entre nós.

— Quantas pessoas se encontram à mesa de Nosso Senhor?

— Os dôze apóstolos.

— O que faz S. Pedro, que é o primeiro?

— Corta o cordeiro para o mandar para o outro lado da mesa.

— O que faz o apóstolo que se segue?

— Apresenta um prato a S. Pedro para receber o que êle lhe der.

— E o que faz o terceiro?

— Esgaravata os dentes com o garfo.

— Quais são, com verdade, as figuras a que se dá lugar naquella ceia?

— Julgo que a esta ceia fôram apenas Cristo e os seus discípulos. Todavia, como me sobejasse espaço na tela, enfeitei-a com figuras de invenção.

— Foi por inspiração ou ordem de alguém que pintou alemães, bôbos e outras figuras no seu quadro?

— Não, senhores. Disseram-me apenas que ornasse a sala como julgasse conveniente. Ora, como a sala é enorme, tive necessidade de aumentar o número de figuras.

— Então as ornamentações que costuma fazer nos seus quadros não



O pintor Veronese. Em baixo: O seu quadro «As Indulgências»



A Ceia em Betânia, outro quadro de Veronese

devem estar em relação directa com o assunto? Ou são fruto da sua fantasia?

— Pinto conforme a minha imaginação e como entendo que devo pintar.

— Pareceu-lhe, pois, conveniente na Ceia de Betânia representar bôbos, alemães ébrios, anões e outras frioleiras?

— Não, decerto. Se assim procedi é porque supuz que essas figuras estavam fóra do lugar em que se dava a ceia.

— Não sabe que na Alemanha e noutros lugares infestados pela heresia, os pintores frívolos e néscios costumam enlamear e ridicularisar as coisas da Santa

Igreja Católica para demonstrar assim a falsa doutrina às pessoas ignorantes ou faltas de senso?

— Convenho em que isso é mau, porém, repito-lhes o que já disse. Tenho o dever de seguir os exemplos dos meus mestres.

— Que fizeram os seus mestres? Procederam assim?

— Sem dúvida. Miguel Angelo em Roma, na capela do Papa, pintou Nosso Senhor, sua Mãe, S. João, S. Pedro, tôda a côrte celestial, em suma, e representou-os todos nós. Até a Virgem ficou em posições diversas das que a religião inspirou.

— Não sabe que, representando o Juízo final, era desnecessário inventar e pintar vestidos? Mas naquellas figuras o que estaria que não fôsse inspirado pelo

Espírito Santo? Não havia, portanto, lugar para bôbos, nem para cães, armas e outras facécias. Diga-nos agora: "depois do que lhe observamos, acha bom e decoroso ter pintado o seu quadro pela fórmula como o fez?"

Calcula-se a vontade que o insigne artista teria em responder condignamente. Mas estava ali no tribunal do Santo Offício que, em boa verdade, muito benévolo estava sendo para êle. Limitou-se, portanto, a responder:

— Não, ilustríssimos, não pretendo defender o meu trabalho. Torno a confessar-lhes que o executei, pensando que não fazia mal. Nunca me ocorreram tantas considerações como as que se dignaram apresentar-me. Estava tão longe de mim tal desordem, que as figuras estranhas, que me indicam, estão muito fóra do plano em que se vê Nosso Senhor».

Foi em seguida, lavrada a sentença, condenando o pintor Paulo Cagliari, mais conhecido por Paulo Veronese, a emendar o quadro no praso de três meses, a contar da data da sentença, pagando êle à sua custa tôdas as despesas que, por êsse motivo, fôsse forçado a fazer.

Afinal, o quadro, apesar das emendas impostas, ficou tal como estava e como ainda hoje pode ser admirado. De resto, o excelso artista, tendo o segrêdo e a magia do colorido, da elegância e do movimento, cultivava também o anacronismo que tanto realce dava às suas telas.



De Mille dando ordens pelo telefone junto de dois intérpretes

Cecil B. de Mille terminou mais um filme que intitulou «As Cruzadas». É uma obra dentro dos moldes habituais do grande animador cinematográfico com cenas de grande espectáculo, imponentes conjuntos, uma enenação faustosa em que evoluem grandes massas de figurantes.

A interpretação reune nos principais papeis Henry Wilcoxon e Loretta Young, um par cheio de mocidade e beleza.

O argumento do filme descreve um episódio amoroso a que a Cruzada de Pedro o Eremita serve de fundo. Se é verdade que a história foi deformada no sentido das conveniências do espectáculo, o ambiente das Cruzadas foi, contudo, reproduzido com notável fidelidade. Quanto ao interesse dramático do entreccho, poderá o leitor avaliá-lo pelo resumo que se segue.

Saladino, sultão do Egipto e da Síria, passa pelas ruas de Jerusalem em todo o esplendor do seu poderio e glória. A pouca distância do branco corcel em que monta, seguem os dois cavaleiros da escolta, à frente dos quais Karakuch, um dos seus mais dedicados lugar-tenentes. De entre a multidão que aplaude Saladino, destaca-se de repente um homem de elevada estatura, forte, cheio de nobreza e andar compassado. É o Eremita, um dos muitos peregrinos cristãos que acorrem todos os anos à Cidade Santa, afrontando os perigos cada vez maiores da crescente hostilidade dos infieis. Erecto no meio da rua por onde Saladino avança com o seu séquito, o Eremita espera. Ao passo que todas as frentes se curvam para o chão, só a sua permanece al-tiva e serena, no meio do vozear hostil que sai agora da multidão.

— Jerusalem é tua, Saladino! — grita o Eremita para o Sultão quando este já está perto — mas há alguma coisa contra o qual o teu poderio nada vale; é a Cruz de Cristo.

E quando Saladino, depois de ter imposto silêncio com um gesto aos que vociferam pedindo a morte do irreverente, responde às exortações do cristão com um sorriso de desprezo, o Eremita indefeso desafia o guerreiro dizendo-lhe que, já que não atende as suas súplicas, serão as armas cristãs que chegarão a Jerusalem para impôr pela força o que a persuasão não consegue; respeito pelos peregrinos que acorrem a rezar nos lugares santificados pela presença do Filho do Homem.

— Vai buscar os teus cristãos! — responde Sa-

ladino — E vós — acrescenta dirigindo-se à plebe — deixai-o ir.

A França inteira respondeu como um só homem à voz que prega a Cruzada. Deus o queira! Deus o queira! é o grito que, correndo de boca em boca, agrupando sob o mesmo estandarte o senhor e o vassallo, o cavaleiro e o homem de armas, o poderoso e o humilde; porque todos se sentem unidos num mesmo anseio; marchar sobre a Terra Santa, entrar como vencedores em Jerusalem e ficar ali como guardas dos santuários da Cristandade.

Felipe, rei de França e Conrado de Montferate conversam assim a meia voz, depois de terem ambos recebido das mãos do Eremita a cruz de tela, insignia do seu ingresso nas legiões que a Europa Cristã lançará contra o Oriente muçulmano.

- Senhor — diz Montferate — Quem manterá Ricardo em respeito depois da vossa partida?
- Ricardo, rei da Inglaterra?
- Ricardo, Coração de Leão, rei de Inglaterra
- acentou o primeiro — Após a vossa partida...
- Ricardo assenborear-se-á da França... Não é o que queres dizer?
- Exactamente.
- Minha irmã Alice está prometida em casamento a Ricardo — murmura Felipe com um vago sorriso — Ora quando a infanta de França for rainha de Inglaterra...
- O leão inglês ficará acorrentado! — remata



O realizador em conversa com Loretta Young, vendo-se em baixo Henry Wilcoxon

CINEMA HISTÓRICO

A cruzada de Pedro Eremita evocada num filme de grande montagem

Montferate — Sois um rei em quem a sagacidade só é comparavel ao denodo.

— Sou um rei que ama a França e vela pela sua segurança. Alice e eu vamos partir para Inglaterra e Ricardo cumprirá a sua palavra...

Ricardo Coração do Leão recebe com pouquíssimo agrado a notícia que lhe leva o conde Roberto de Leicester de que Felipe de França e a infanta Alice estar à sua espera. Na verdade, em lugar de os receber ter-lhe-ia agradado mais ouvir de novo o seu trovador Blondel ou continuar a discutir com o seu escudeiro Alano, enquanto espera que o ferreiro acabe de lhe forjar uma espada.

Quando Felipe e Alice começam já a impacientar-se com a demora do Ricardo, chega por fim este. Não se dá ao incomodo de explicar o atraso e dá mostras de pouco entusiasmo quando o rei de França lhe fala no projectado casamento com a infanta. Isto provoca uma tensão entre os dois soberanos que parece prestes a levá-los a um rompimento. Mas eis que fora do Palácio soam clamores que os distraem da sua pouco amistosa conversa. Um cavaleiro informa Ricardo que o Eremita acaba de chegar prégando a Cruzada e os que se sentem arrebatados pela sua palavra pedem ao rei que saia também a ouvi-lo.

Não é Ricardo Coração de Leão homem que se importe que seja a Cruz ou o Crescente que imperem em Jerusalem. Mas ao ouvir o Eremita dizer que quem se alista na Cruzada fica desligado de qualquer outro compromisso, vê ai uma maneira de se eximir ao pesado fardo que para

ele representa o cumprimento da promessa de matrimónio feita a Alice de França.

— Seja esta a minha resposta a Felipe — diz para o seu trovador Blondel ao receber a instigação dos cruzados.

Sancho de Navarra, o obeso soberano que tem mais de negociante que de guerreiro, foi a Marsella esperar os cruzados que ali se reunirão para embarcar com destino ao Oriente. Sancho que trouxe consigo abundantes provisões e rebanhos, um só dos quais bastaria para abastecer de carne um Exército, propõe-se obter bons lucros. Quando Ricardo, falto de mantimentos e de dinheiro para os comprar, propõe ao rei de Navarra adquirir o que carece contra hipotecas sobre meia Inglaterra, o astuto navarrês pensa que é ocasião de fazer o mais vantajoso negócio da sua vida. E propõe a Ricardo que se case com sua filha Berenguela, que levará como dote tudo quanto os cruzados ingleses precisarem para a sua expedição.

Forçado pelas circunstâncias, Ricardo accita. Mas para dar a entender o pouco que lhe importa a noiva, que nem de vista conhece, aproveita-se da prerrogativa que consente aos reis fazerem-se representar na cerimónia do casamento pela sua espada. E é tendo a seu lado uma espada e não o noivo, que Berenguela recebe a benção nupcial.

Sofrer essa humilhação da parte dum cavaleiro que supunha ser o mais nobre dos paladinos, fere profundamente a infanta de Navarra, em cujo coração, o affecto romântico pelo rei inglês cede lugar ao despeito.

Mas pouco antes de levantar ferro com rumo a S. João de Acre, Ricardo Coração de Leão sente-se apaixonado por uma dama que vê assomar a uma janela nas ruas de Marsella. E ao saber que se trata, a final, da sua própria mulher, pede a seu sogro, Sancho de Navarra, que faça embarcar Berenguela numa das naus que seguem os cruzados. E esta, contra sua vontade, é forçada a obedecer.

São graves as notícias que Ricardo Coração de Leão recebeu do seu país. Ao passo que a fina flor das suas tropas se encontra com ele em frente a S. João de Acre, lá na longínqua Inglaterra seu irmão aproveitou a sua ausência para se apoderar do trono.

Por sua vez Felipe de França põe-lhe este dilema: ou repudiar Berenguela e casar com Alice para contar com o apoio dos franceses; ou continuar casado com a infanta de Navarra e ver Felipe converter-se em aliado do irmão usurpador. Ricardo Coração de Leão opta corajosamente por esta última solução. Mas Berenguela, que não quer ser causa da ruína do esposo — a quem ama apesar de sempre o repelir inflexivelmente — resolve procurar a morte expondo-se aos disparos dos archeiros que defendem a praça sitiada. Coincide a execução deste desesperado propósito com uma sortida de Saladino, Karakuch e outros seis cavaleiros, com os quais o sultão se propõe atravessar as linhas cristãs e ir a Jerusalem buscar reforços que lhe permitem pôr os cruzados em debandada. Ferida no hombro por uma seta, Berenguela cai em poder de Saladino, cuja escolta prende também o Eremita. Um soldado inglês que testemunhou o acontecimento leva a Ricardo a terrível notícia. O ardor d'este redobra. Destrás dos muros da cidade assediada não está só o Santo Lenho, a reliquia mais preciosa da Cristandade — está também o que para Ricardo Coração de Leão existe de mais valioso no mundo: a mulher amada.

Os estandartes dos Cruzados ondeiam finalmente sobre os muros da cidade que os muçul-



Filmagem dum cena num ambiente medieval

manos haviam julgado inexpugnável. Por toda a parte ressoam os cânticos da vitória dos cristãos. Só um se mantém isolado, presa da mais dolorosa ansiedade; é Ricardo Coração de Leão. Berenguela, a esposa por quem arriscara cem vezes a vida na tomada da cidade, não aparece em parte alguma. Todas as buscas foram inúteis. Por fim um dos vencidos revela a terrível verdade. Berenguela está em poder de Saladino e este abandonou a cidade muito tempo antes de ela ter caído em poder do inimigo. A formosa rainha, cujos encantos enfeitaram o Sultão devesse encontrar-se, portanto, a essas horas em Jerusalem.

— A Jerusalem! — grita Ricardo saltando sobre o seu corcel de guerra.

— Olhai, senhor — diz lhe o prudente conde de Leicester — que é loucura tentar semelhante empresa. Metade dos nossos soldados estão mortos e os restantes rendidos pela fadiga.

— A Jerusalem! — grita Ricardo impetiosamente — A Jerusalem... e siga-me quem quiser

Ricardo Coração de Leão está agora na tenda de campanha de Saladino. Vencido em batalha desigual, vem negociar a paz mas repele a proposta do Sultão de ser coroado rei de Jerusalem com a condição de renegar Cristo e seguir Ma-foma. Ante a grandeza de ânimo do vencido, Saladino exclama:

— Prouvera a Allah que fosses meu irmão em vez de meu inimigo!

E logo lhe oferece as bases dum paz digna: as portas de Jerusalem serão franqueadas a todos os cristãos que queiram visitar a Cidade Santa, com a condição de não levarem armas.

Cantos e repiques de sinos exprimem o júbilo dos cristãos que se dirigem para Jerusalem. Mas tal como após a tomada de Acre, há alguém que permanece triste no meio de regozijo geral. É Ricardo Coração de Leão que sucumbe ante a ideia de perder Berenguela para sempre. Saladino negou-se a aceitar qualquer resgate por ela.

Mas Berenguela está junto d'ele. E ambos avançam para a Cidade Santa.

— Não devo dar um passo mais — diz Ricardo. — Eu levarei a tua espada para tocar com ela no túmulo do Salvador — murmurou Berenguela — e depois...

— Depois... depois... — repete Ricardo surdamente — não és tu a cativa de Saladino.

Ele mandou-me ter contigo e trazer-te esta mensagem da sua parte; *Saladino não é um salteador que toma pela força o que de vontade se lhe não dá... Sou tua Ricardo!

O cântico dos cristãos adquire para o rei inglês um sentido novo; nova é também para ele a claridade com que o Sol envolve a Terra.

SE no próximo dia 6 pudéssemos estar em Belgrado, aproveitaríamos a oportunidade para felicitar o pequeno rei Pedro da Jugo-Eslávia que completa doze anos de idade.

Essa criança, que uma fatalidade atirou para um trono na quadra da vida em que se prefere um cavalinho de pau, uma bola ou um arco, é hoje coagida pela fôrça das circunstâncias a passar revista às tropas de carne e ôsso que fazem muita diferença — oh! mesmo muita! — dos soldadinhos de chumbo sempre dóceis e sempre agueridos, todos empertigados nas suas fardas multicôres.

Como Sua Majestade está ainda na idade de gostar de histórias de moiras encantadas e de fadas com varinha de condão, escolheríamos duas ou três das mais bonitas e de mais complicado enredo que o pequenino soberano gostaria de ouvir.

Depois — estamos mesmo a ouvi-lo: havia de pedir como tôdas as crianças! — “Não se vá embora. Conte mais uma história das mais bonitas que souber.”

Como Sua Majestade ordenava, obedeceríamos. O que deveríamos contar?

A história do *Homem feliz*, por exemplo. Era uma vez um rei muito poderoso que se sentiu tão gravemente enfêrmo que os seus médicos desesperaram de o salvar. Aguardava-se apenas o desenlace fatal. Uma tarde, apareceu no palácio um sábio de grandes barbas que manifestou desejo de observar o moribundo, pois talvez encontrasse meio de o curar.

Satisfeita a sua vontade, o sábio declarou que poderia salvar-se o rei se lhe vestissem a camisa dum homem feliz. Seria remédio santo!

Foram enviados emissários através do reino à procura do homem feliz, por cuja camisa dariam tudo o que pedisse. Percorreram cidades, vilas e aldeias, e nada... O homem feliz não aparecia. Êste era rico, mas tinha tão graves desgostos que de bom grado daria todo o seu oiro para se vêr livre deles. Aquêlle tinha saúde, mas vivia com dificuldades que aumentariam com os meios de fortuna que fôsse adquirindo. Aqueloutro vivia com conforto e comodidade, mas sofria duma grave doença que o asfixiaria quando menos o esperasse. E assim sucessivamente. Ninguém estava contente com a sua sorte. Onde poderia ser encontrado o homem feliz?

Uma noite, quando os emissários do rei regressavam já das suas pesquisas, completamente desanimados, ouviram a

voz dum homem que, dentro da sua choupana humilde, manifestava aos seus o imenso contentamento por tudo lhe ter corrido bem naquêlle dia.

— Posso considerar-me feliz — dizia êle à mulher — e oxalá que esta boa aragem se mantenha. Cavei hoje de sol a

O 12.^o aniversário do reisinho Pedro

sol nas terras do Marquês, e tenho trabalho para tôda a semana. Estou satisfeito. Durante uma semana, pelo menos, não faltará o pão nesta casa. Tenho saúde e robustez para ganhar a vida e o trabalho não me falta. Sou um homem feliz!

Os emissários do rei não quiseram ouvir mais. Bateram à porta e invadiram a casa do pobre aldeão. Tudo ali respirava miséria. Um caixote servia de mesa que um jornal amarelecido pelo tempo guarnecia como toalha. A baixela era constituída por quatro malgas de barro grosseiro onde rechinavam umas couves escaldadas sem adubo nem tempêro. O homem feliz preparava-se para o banquete quando os emissários do rei entraram.



O rei Pedro da Jugo-Eslávia

— Sêde bemvidos! — cumprimentou o aldeão — que desejais desta pobre casa? Não vos pergunto se sois servidos porque tudo o que posso dispor está à vista e é impróprio de vós.

— Amanhã — disse um dos palacianos — podes dispôr duma fortuna suficiente para comprar as terras do Marquês onde tens alcançado trabalho. Terás oiro, muito oiro, serás um homem rico. Em troca pedimos-te

uma ninharia — a tua camisa tal como a tens para a fazermos vestir ao nosso rei que se encontra gravemente enfêrmo. Será êste o único remédio, segundo o conselho dum grande sábio. Dá-nos, pois, a tua camisa...

— Valha-me Deus! — gemeu o homem numa grande aflição — eu daria a camisa de muito boa vontade, daria até tôdas as camisas que possuísse para salvar a vida do nosso soberano, mas, senhores, não o posso fazer por mais que queira. É que eu sou tão pobre, tão pobre, que nem camisa tenho!

Contaríamos esta história ao reisinho da Jugo-Eslávia que, com os seus doze anitos, talvez a compreendesse.

Um dia, pensando melhor, talvez se recordasse do tal homem feliz que com tão pouquinho se contentava.

Quando viessem buscar o pequeno soberano para o fatigar com festas e cerimônias aparatosas com muitas salvas de peça e fogos de artifício, êle visionaria o seu pai assassinado em Marselha pelo crime de ser rei.

Quando tivesse de assistir aos grandes banquetes em que refulgissem baixelas de oiro com os mais exquisitos manjares, talvez se recordasse das malgas de barro do pobre aldeão mal cheias dumas couves cosidas sem um fio de azeite.

Finalmente, quando recolhesse ao seu quarto real e passasse em revista o guarda-fato repleto de mil e uma peças de vestuário e tôdas talhadas nos tecidos mais preciosos, talvez se recordasse da miséria do cavador que era pobre, tão pobre que nem camisa tinha.

E, no entanto, era feliz!

Como são desventurados os filhos dos reis!

Quanto não dariam êles para serem filhos dos rudes aldeões que, rodeados da maior pobreza, vivem felizes e contentes uma vida inteira!

A nosso vêr, os filhos dos soberanos são os escravos da sua estirpe e das exigências tremendas da sua dinastia. Ser filho de rei é ser condenado a trabalhos forçados por tôda a existência.

CINEMA

A actividade dos estúdios

A morte de Leonce Perret

O cinema francês acaba de sofrer uma dura perda com a morte do cineasta Leonce Perret, um dos pioneiros da arte das imagens animadas.

Leonce Perret dedicou-se ao cinema muito novo ainda. Começou por ser actor e a par de Suzanne Grandais, também já falecida, interpretou uma série de filmes designados por «Leones» que foram das melhores produções cómicas da época.

Os filmes de Leonce Perret são inumeráveis.

Embora nenhum deles possa considerar-se como revelação surpreendente, todos foram no entanto, executados com uma consciência profissional, uma segurança técnica que muitos poderiam invejar-lhe.

Coube-lhe a difícil missão de levar a Comédie Française ao cinema e desempenhou-se dela com elevação.

A sua obra prima é, na opinião geral, «Koenigsmark», um belo êxito do cinema silencioso. Actualmente, Leonce Perret trabalhava na realização duma versão sonora da mesma obra que a morte veio interromper não o deixando concluir a sua tarefa.

Alexandre Korda está trabalhando num novo filme que será «Cyrano de Bergerac». É Charles

Laughton quem interpreta o principal papel e o diálogo do filme será inteiramente em verso.

Prosseguindo no seu metódico plano de aperfeiçoamento da indústria britânica do cinema, Alexandre Korda conseguiu trazer de Hollywood a Londres, Lee Garmes que é considerado o «rei» dos operadores norte-americanos.

O primeiro filme inglês que seguindo a voga actual, se apresentará todo em cores naturais, versará a vida de Cristo e intitular-se-á «Rei dos Judeus». O argumento, que é extraído, de um romance de Mary Borden, foi já submetido à rigorosa censura britânica que o aprovou.

O realizador é Alexandre Korda. E a colaborar com ele estará o grande artista sueco Victor Sjostrom.

Mistinguett quer trabalhar no cinema. E depois de escolher entre muitos argumentos que lhe foram propostos optou pelo do Jacques de Benac, intitulado «Rigolboche». É a história duma famosa dançarina excêntrica do Segundo Império, que ela pretende incarnar. A realização vai ser confiada a Christian Jacques.

«Les Hommes Nouveaux», o célebre romance de Claude Farrère, vai ser novamente adaptado ao cinema. Esta nova versão terá um intérprete sensacional que é Harry Baur. Fala-se em Marcelle Chantal para o papel de Cristiana. O realizador ainda não foi escolhido.

Dizem os jornais que não se trata dum boato, mas sim duma notícia positiva. Mary Pickford vai recomençar, dentro de poucas semanas, a sua actividade

Bing Crosby, marido de Dixie Lee, é pai destes três garotos: dois gêmeos, Philips e Dennis e o primogénito Gary Evan.



Clark Gable trabalha agora num filme histórico em que, pela primeira vez, se apresentará sem o seu tradicional bigode

em Hollywood. Dirigirá a realização dos dois grandes filmes que devem ficar prontos ainda este ano, e em cuja preparação trabalha já há algum tempo com grande ardor.

Greta Garbo foi convidada por Max Reinhardt para ir assistir às festas de Salzburgo, na Austria, que constituem, como se sabe, verdadeiras apoteoses de arte teatral. A conhecida actriz manifestou particular interesse em ver uma representação do «Fausto» com Paula Wessely no papel de Margarida.

A série dos filmes sobre Tarzan vai ser continuada. O par já célebre de Johnny Weissmuller e Maureen O'Sullivan vai interpretar «A volta de Tarzan», cuja realização está a cargo de Jame Mac Kay. O papel do explorador Eric foi confiado a Will Henry.

O realizador Edward Sedgwick começa agora a trabalhar no seu 100.º filme. O assunto desta sua nova produção é a cavalaria americana e o título será «Boots and Saddles».

Dorothy Wilson, uma jovem artista que aos seus predicados de mulher formosa, junta uma notável aptidão para o hipismo foi contratada pela «Fox» para entrar no filme «In old Kentucky».

Kentucky, como se sabe é uma cidade dos Estados Unidos que se tornou célebre pela criação de cavalos de corrida.





Um treino de *freed bill* entre covos

trou nas Voltas precedentes capacidade de recuperação para agüentar quinze dias de lutas consecutivas e não é lógico supôr que um ano mais de idade lhe tenha proporcionado: César Luiz não possui o sentido da corrida, em grau suficiente para ser um vencedor; Marquês é demasiado frágil; Aguiar da Cunha e Ezequiel serão os últimos eliminados, não porque lhes falte classe, mas porque não possuem o fogo sagrado que permite, em rasgos de audácia, forçar a decisão da fortuna.

QUANDO este número da *Ilustração* for entregue à curiosidade habitual dos seus leitores, toda a atenção dos desportistas portugueses — tenho a tentação de escrever: de todos os portugueses — estará fixada na Volta a Portugal em bicicleta, nesse momento a meio do seu longo percurso de dois milhares de quilómetros.

Atressada a Extremadura, percorridos o Algarve e, duas vezes, o Alentejo, os corredores encontrar-se-ão no coração da Beira prontos a vencer a majestosa e formosíssima Serra da Estrêla. Para muitos concorrentes estará o destino decidido, e poucos devem ser aqueles a alimentar ainda a ambição dum triunfo pessoal; ao escrever estas linhas porém, a uma semana da partida, todos êsses futuros desenganos florescem em risónhas esperanças e tôdas as hipóteses são admissíveis. Tenta-me formular, um prognóstico, que terá de curioso, o facto de só ser conhecido quando, talvez, os factos tenham já demonstrado a inconsistência dos raciocínios firmados no bom senso e na comparação de valores.

A Volta a Portugal, êste ano mais ainda do que nos precedentes pelo acréscimo de rigor no seu regulamento, é uma prova para homens resistentes e experimentados, de moral forte e físico batalhador. Para triunfar na Volta são necessárias faculdades múltiplas, entre as quais avultam a regularidade, a vontade firme, o espírito sofredor, a recuperação, além, é claro, da classe desportiva.

Dos cinquenta homens que devem ter partido de Lisboa, e cujo efectivo no momento da publicação desta crónica sponho reduzido a trinta e alguns, apenas uma escassa meia dúzia podia pretender à vitória.

Façamos uma primeira escolha: dos representantes provincianos guardaremos apenas o luleitano Cabrita Mealha e dois dos recrutados por Ferreira do Alentejo, Trindade e César Luiz; dos lisboetas, concedendo esta designação — que não é verdadeira — aos corredores inscritos pelos clubes da capital, apuramos Nicolau, Aguiar da Cunha, Ezequiel, Ildelfonso, Marquês, João Francisco e Felipe de Melo. Temos, por conseguinte, dez homens em litígio.

Prossigamos na implacável selecção: Ildelfonso e Felipe de Melo, são ainda demasiadamente novos; Cabrita Mealha não possui a experiência das grandes competições; João Francisco não demons-



Um belo salto em altura feito por um atleta que a o falta dum só pé, não parece embasarar

Restam-nos, uma vez mais, Trindade e Nicolau; um dos dois será o triunfador desta sexta Volta e é muito melindroso escolher entre êles.

Se se tratasse duma corrida decidida numa jornada, opinariamos pelo homem da camisola vermelha; numa prova por etapas, com características dum constante ecletismo, vamos, muito a medo, dar preferência a Trindade.

Esperemos a sentença da estrada, para a qual a lógica não exerce a mínima influência; não fico, por isso, de mal comigo próprio se os factos desmentirem estas previsões tão subtilmente elaboradas.

Passagem de barreiras por mutilados dos membros inferiores



A QUINZENA DESPORTIVA

As fotografias admiráveis que alegam a página seguinte, são as primeiras conhecidas de acrobatas voadores executando os seus difíceis e artísticos exercícios.

Os números de vôos são sempre dos mais apreciados pelo público, que segue emocionado as evoluções dos gymnastas, percorrendo em caprichosas trajectórias o espaço que separa um trapézio de outro trapézio ou das mãos dum companheiro preparado para o receber.

Nesta segunda modalidade, a que pertencem as fotografias reproduzidas, o volante lança-se do seu trapézio com a mesma naturalidade dum nadador mergulhando na água dum piscina. Num prodígio de graça executa piruetas ou cambalhotas ao fim das quais vai encontrar matematicamente as mãos do base, suspenso vários metros acima da pista na oscilação duma trajectória inversa, e a elas se prendendo como a âncoras fiéis para, sem esforço aparente, sem violências nem choques, seguir na sua viagem de ida e volta que o há-de trazer ao pequenino aeroporto do primitivo trapézio.

Entre os amadores portugueses tem havido alguns voadores de grande merecimento, desde o mestre-percursor Walter Awata, até aos irmãos Hopfer, passando por Carlos Mártires, Levi Jenochio e tantos outros que, preparados no glorioso Gimnásio Club Português, animaram com a sua arte os mais célebres saraus no Coliseu dos Recreios.

Foi dito — e escrito — que o desporto deve ser para toda a gente, alheada a ideia da competição. Moderada ou simplificada a sua prática, mas generosamente facultada a todos os homens, o desporto presta-se, pela pluralidade dos seus aspectos os mais variadas aplicações.

Havia até agora uma restrição tristíssima para os mutilados, a quem por pre-

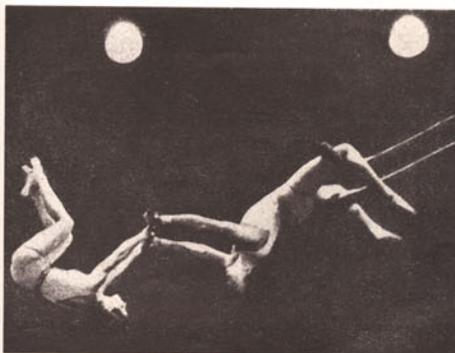
conceito se considerava incapazes absolutos sob o ponto de vista desportivo; pois na cidade alemã de Hohenlychen foi instalado o primeiro sanatório-estádio do mundo destinado aos amputados para uma reeducação especial tendo como uma das bases a prática do desporto.

Os princípios em que se baseia o método de tratamento são simples: tratava-se de saber até que ponto seria possível a substituição prática duma perna ou dum braço, desenvolvendo e educando o rendimento do outro membro simétrico.

A solução excedeu as mais optimistas previsões.

Sabe-se que a deficiência física, quer seja consequência de acidentes, quer de enfermidades, traz sempre ao mutilado um sentimento de inferioridade, muito difícil de eliminar e moralmente deprimente; esta penosa reflexa psicológica encontrou na colaboração do desporto um precioso meio de tratamento graças à iniciativa de Hohenlychen.

O sanatório está dividido em duas secções: uma, dedicada exclusivamente ao tratamento médico-cirúrgico, outra



Dois belos instantâneos de emocionante vôo em trapézio

que lhe serve de complemento e onde se encontram diversos terrenos desportivos.

O processo de cura dos mutilados baseia-se nas experiências do médico Peubardt, procurando dar a êsses infelizes a confiança necessária para continuar exercendo a sua profissão e dedicar-se ao culto do desporto.

Os mutilados em tratamento são entregues ao professor de educação física, que se ocupa em primeiro lugar da correcção dos movimentos, dando-lhes precisão, vigor e agilidade.

Nas primeiras lições, os coxos, por exemplo, ensaiam pequenos saltos sobre uma mesa de tábuas elásticas, adquirindo assim equilíbrio e poder muscular; executam depois exercícios de escalada, pe-

Um renhido combate de «box» entre coxos



quenas corridas, etc., aumentando a dificuldade dos exercícios à medida que o treino acusa progressos de realização.

Os mais antigos alunos do sanatório conseguem verdadeiras proezas desportivas, como o saltador em altura que uma das nossas gravuras mostra em plena acção.

Em torno da organização dos Jogos Olímpicos de Berlim têm fomentado diversas campanhas que se ligam com as lutas do racismo germânico e criaram ultimamente uma atmosfera de incerteza quanto à própria realização dos jogos.

Recendendo-se, nestes tempos mais recentes, as perseguições aos judeus residentes na Alemanha, as quais deram motivo a diversas represálias de carácter desportivo, algumas nações lançaram os seus protestos, sobressaindo os Estados- Unidos, com a ameaça de não comparencia dos seus atletas caso não fosse desde já assegurada a livre participação aos indivíduos de tôdas as raças.

Promessas dum lado e doutro vieram acalmar o grave conflito a esboçar-se, mas todos nós sabemos o que valem as promessas dos alemães, que os factos diariamente desmentem: em julho findo, uma equipa feminina de handball pertencente ao clube da policia de Berlim, foi pura e simplesmente irradiada da

Federação porque disputou um encontro contra um grupo de raparigas judias, e, depois disso, todos os atletas de classe ligados à origem israelita foram irradiados das listas dos estrangeiros nos campos de preparação olímpica.

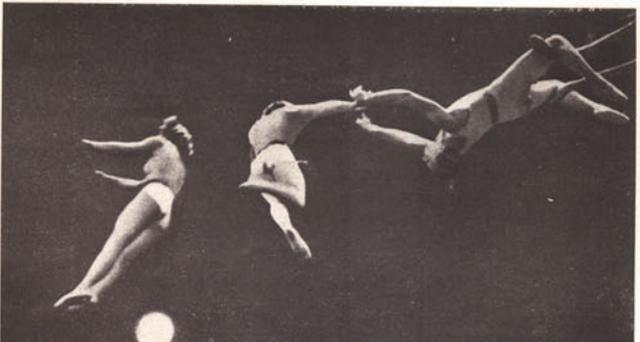
Entretanto, e para desviar as atenções, o barão de Conberlin pronunciou na emissora de Berlim um discurso radiofónico, apregoando a beleza moral do Olimpismo moderno, que apresentou como o laço mais forte para aproximação dos povos, ensinando-lhes a respeitarem-se porque lhes permite que melhor se conheçam.

Uma doutrina como se vê não pode ser melhor. Pena é que a aplicação ao desporto das doutrinas anti-semitas lhe dê um tão desconcertante desmentido.

Há tôdas as razões para supor, contudo, que os organizadores alemães saberão evitar um futuro agravamento da questão, susceptível de pôr a realização das Olimpíadas. Um facto dêsses teria, como é de prever, as mais desagradáveis consequências.

Entretanto, a Alemanha trabalha activamente na preparação dos Jogos Olímpicos, em que os dirigentes do Reich vêem, sobretudo, um excelente meio de propaganda do país.

Salazar Carreira.



Os moralistas são em geral contra a moda — não ha crime, que não lhe atribuem, e em geral são injustos nessa sua apreciação.

A moda não cria o estado de alma da mulher, influe quando muito nas suas maneiras, no seu exterior, mas é o estado de alma da sociedade humana que cria a moda. E' evidente que a mulher vestida á Luiz XV, com as suas anquinhas, a sua cauda, o seu penteado empoadado, os seus sinais nas faces, não tem o mesmo aspecto, as mesmas atitudes, que a mulher de saia de balão, como esta se não parece com a mulher de 1900 nem esta, com a que usou a moda "après guerre", como lhe chamam os franceses.

Uma mulher de saias curtas, sem mangas, decotada, o cabelo á Joãosinho, por muito correcta que seja, por muito recato interior que tenha, toma fatalmente atitudes, que não correspondem muita vez, á sua maneira de sentir.

A mulher vestida com o decoro que a sua dignidade feminina exige tem logo uma atitude muito diferente.

A moda tem portanto uma certa responsabilidade no aspecto exterior feminino, isso é inegavel, mas como acima digo, ela é criada pelo estado interior, pela maneira de sentir da humanidade.

Observando a história do vestuário obtemos a prova evidente, desta minha afirmação. A moral do século XVIII está absolutamente de acôrdo com essa "toilette" feminina, cheia de arrebiques, de laços, de sinais nas faces, de elegância

afetada e rococó. As almas eram assim, a moda foi por elas inspirada.

A seguir á revolução francesa, que foi feita para moralizar a sociedade humana, mas que os erros dos homens tornaram numa carnificina humana, veio o Directório, a França respirou. A moda moralizou-se? De maneira nenhuma, a sociedade francesa cansada de sofrer, sem freio de

A transformação da mulher

qualidade alguma, sem religião pode dizer-se porque os padres tinham sido exterminados e religião sem ministros de Deus é impossivel manter, lançou-se numa vida de deboche, de loucura.

Surgiu a moda mais impudica, que a mulher europeia tem usado. As saias abertas ao lado até a cintura, mostravam a perna até acima, apenas coberta por um "maillot", de seda côr de carne, que a moldava completamente, o decote exageradissimo, deixava o peito e as costas a descoberto.

Os costumes não se morigeravam com esta exhibição da beleza feminina. Começou a reorganização da sociedade a pouco e pouco. Durante o primeiro império a moda, foi-se modificando: ha uma grande diferença entre o branco vestido de Mauselina das Indias, da imperatriz Josefina, que apenas velava a perfeição grega do seu frágil corpo, e o vestido de pesado setim branco, que tapava as avultadas fôrmas da Imperatriz Maria Luiza segunda

mulher de Napoleão. Com a restauração surgiram os púricos vestidos do romantismo, que se foram alargando até ao excessivo balão da Imperatriz Eugénia, nesse periodo de prosperidade da França.

Nos nossos tempos tivemos em 20 anos um novo exemplo de que a moda sofre a influencia da vida e não a vida a da moda.

A seguir á grande guerra, que torturou a humanidade num atroz sofrimento físico e moral, depois das inquietações, da fome, da peste, das lutas dolorosas e torturantes, a sociedade humana, ao sentir cicatrizar as feridas sangrentas, que

a tinham retalhado e para esquecer o martirio moral, que a tinha esmagado, lançou-se na vida de loucura, que era como que o opio para os desesperados: o esquecimento dos males sofridos.

Surgiram em Paris os "cabarets chics", o "dancing", essa importação da América com os seus "jazz-bands", atordoando á força de barulho. O "champagne", loiro e crepitante, os "cock-tails", essa mistura satânica, que a América nos mandava com a sua música de negros, embriagavam e faziam esquecer os escuros dias de ansiedade e desalento.

Apareceu triunfal a moda louca, quasi masculinizada, mas perturbante, impúdica, tendo contudo um certo ar ingénuo, e essa moda tão criticada e com justiça, faz-me tristeza ao relembra-la, ao folhear os figurinos de ha quinze anos.

Ha uma certa ingenuidade nessas mulheres que vestiam como crianças, como a querer apagar da sua vida os anos de sofrimento e a retroceder aos dias de sossego, de alegria descuidada da infância.

Nas altas reuniões da elegância, a mulher de hoje em nada se assemelha á mulher de ha quinze, de ha dez anos.

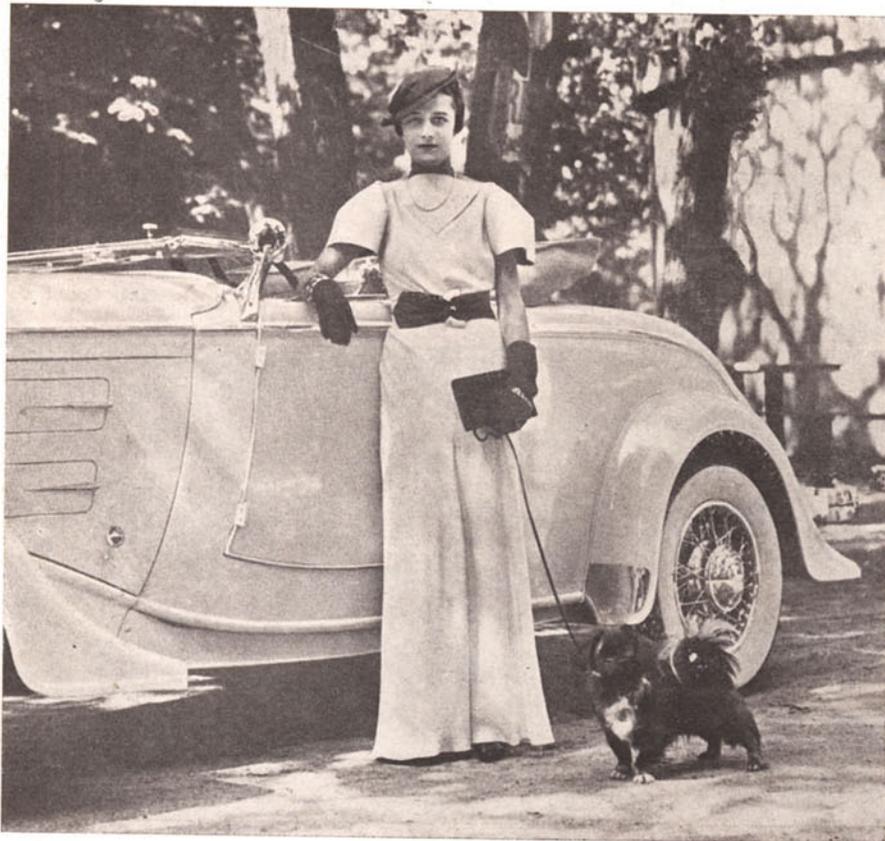
Em Ascott, nas corridas, que em Inglaterra são a revista da elegância mundial, os vestidos tocavam no chão, os decotes deminutos ou tapados por golas, os grandes chapéus, levavam-nos á época áurea de antes da guerra, a esses primeiros dez anos do século XX.

Em França os concursos de elegância em automóvel, que se têm realizado nas praias da moda, mostram-nos que Paris, continúa a decretar para a mulher, a moda elegante e simples que a torna supremamente distinta, essa indispensável qualidade para a mulher que se quer impor como modelo de elegância.

Vestidos até aos pés duma fôrma sóbria a quem o corte imprime inexcêdível "chic", vestidos de gola alta e mangas curtas, que luvas altas completam. A mulher sem querer toma uma atitude correcta, distinta.

E' para desejar que a moda assim continue não só pela estética feminina mas também para a felicidade dos povos. A' mais pequena convulsão, ao mais leve sofrimento, surge o desejo do esquecimento e lá teremos de novo a mulher envolta nas mais fantásticas invenções. E assim será sempre.

Maria de Eça.



A cegueira do amor

O amor é um sentimento, em que pese aos defensores da doutrina de Stendhal, e só quando vem da alma pode ser chamado amor.

Aquele impulso comandado pelos sentidos é apenas desejo, e desejo carnal, mais nada.

E' por isso que êsse amor, que satisfaz simplesmente a matéria passa depressa, porque essa gula quer sempre victualhas novas, e um *menu* aturado, constantemente igual, aborrece.

Está bem de ver que o tal amor que se enraiza no nosso espírito também interessa a nossa porção terrena, mas mistura, aos êxtases da sua expansão, um travo apetitoso que torna possível uma ligação amorosa perdurável, e que não raro só a morte quebra.

Por intervalos, ainda mesmo ardendo nessa paixão dominadora da integridade do nosso ser, o homem atraiçoa a mulher amada, levado pela sua condição de animal polígamo, tendência contrariada pelas leis, mas impossível de domar, quando o «macho» toma o homem de assalto.

Mas isso não tem importância para a vida daquele amor primordial que lhe acorrentou corpo e alma.

As mulheres não se conformam com estas teorias, porque quando uma mulher ama — e não quando só deseja — não pode suportar outra presença que não seja a do homem que soube cativá-la.

Esta qualidade não é uma virtude, é uma condição fisiológica ajudada por uma maior soma de idealismo.

A mulher é monogama por excelência, e só se sente bem, com um jugo único.

Não é difícil encontrarmos mulheres infinitamente infelizes, por terem de repartir com outros, por necessidade, o amor que só queriam dar inteirinho ao seu eleito.

Há criaturas — e os homens têm a maioria neste caso — que fazem do amor uma espécie de desporto, usando e abusando dêle sem nenhuma consideração pelo seu parceiro.

A maior parte dos homens só vê na mulher uma máquina de sensações mais ou menos intensas e fugidias. Quando muito, um brinquedo apenas, que êles partem descaradamente, depois de fartos e cansados do mesmo jôgo.

Não se lembram de que com as suas promessas enganadoras e as suas palavras ambrosíacas podem prender, para sempre, um coração de mulher confiado e terno.

Para lá dos seus lindos olhos, e da sua bôca chamariz de beijos, os homens, geralmente, nada descortinam na mulher apetecida.

Da sua alma não curam. Se êles já pensaram, em tempos idos, que as mulheres não tinham alma!

Muita razão tínhamos para agatantar os descendentes de tais bárbaros, respondendo aos seus protestos, como o lobo ao cordeirinho inocente da fábula: — «Se não foste tu, foi o teu pai».

Devemos dizer que os homens de hoje não andam lá muito satisfeitos com a superioridade que a mulher tem conquistado.

Por ancestrais atavismos, estes moços de agora pouco caso fazem das mulheres, a não ser para o «contacto de duas epidermes», no dizer do já citado Stendhal, pseudónimo famoso do escritor francês Henri Beyle, curioso temperamento de sensualão raiado de sentimentalismo.

A mulher é cotejada, ainda hoje como era ontem, simplesmente pelos seus dotes corporais.

Quando passa na rua, os «mirones» despreocupados e insolentes atiram-lhe chufas grosseiras que querem ser elogios, aos seus olhos, às suas pernas, ao seu donaire, e nem sequer supõem que essa mulher, alvo de seus estúpidos madrigais, leva muitas vezes a tragédia na alma, e que é profundamente honesta, sem culpa de que a natureza fôsse prodiga com ela em predicados de beleza exterior — a única beleza que anda sempre ao léu.

Se o homem de nossos dias não nega a alma às mulheres, é ainda assim tão cruel como os seus maiores, porque continua a tradição torturando-a com a traição e a mentira.

Se alguma acredita nos seus protestos e, deslumbrada pela falsa mira-



gem da felicidade no amor, deixa confiadamente que lhe levem o coração, a êles pouco se lhes dá, se a pobre, depois de abandonada e traída, vai para a valeta da vida vender os seus encantos desiludida ou acha melhor acabar de vez com o seu penar.

Por esta maneira que os homens têm de brincar com o coração da mulher, como o gato enfasiado brinca com o ratinho que já não pode tragar, é que uma pobresita, vinte anos contentes e floridos, se atirou para debaixo de um combóio metropolitano numa cidade espanhola.

O noivo declarou-lhe que não a queria já para sua esposa, e ela, desesperada, tendo-lhe talvez feito entrega de tôdas as primícias do seu corpo virgem, viu de repente erguer-se-lhe na frente um futuro de miséria e de vergonha, e preferiu a morte a uma cruel incerteza.

Não morreu. Mãos piedosas e ágeis fizeram estacar a máquina a alguns centímetros da sua louca cabecinha.

Se o causador de tal desespero ouviu-se, enfim, a voz da consciência e voltasse para ela, arrependido, seria o desfecho ideal para a sua curta novela de amor. Entretanto, é bom que as raparigas não se fiem muito na copla espanhola:

*«Te quiero como se quiere a una madre,
Como se quiere en la vida
Una vés y nada más.»*

Linda afirmação que corresponde, unicamente, a um estado passional efêmero. E «nada más».

Mercedes Blasco.



linda do povo que dirige. A linda igreja da aldeia bastante vasta para uma aldeia, não podia conter a gente que não só a enchia como ao grande adro que a precede. No dia da comunhão geral, deram-se mil e quinhentas comunhões, e confesso que me senti comovido ao ver a ordem que havia num recinto completamente cheio, em que todos receberam o Senhor, sem que houvesse um encontro, uma descortesia na multidão. Essa multidão de aldeões, que a gente da cidade desprezará talvez, deu uma lição de educação cívica comente.

Gente humilde porque é ignorante dirão. Não, gente educada, porque é bem dirigida, dirão eu, gente a quem o saber ler e escrever não deu volta a cabeça, porque é para notar que é uma aldeia, onde só os velhos não sabem ler.

As populações da cidade logo que sabem ler, supõem que devem mandar; ali compreendem que devem obedecer e sabem fazê-lo com uma educação admirável. Na precisão a mesma ordem,

HA em Portugal o costume de dizer que o povo é insumido e indisciplinado e não é susceptível de ser educado. Não há maior erro, e, se efectivamente nas grandes cidades, sobretudo em Lisboa, se nota no carácter popular uma certa leniência para a indisciplina, não é por defeito irremediável do feio português, mas sim por falta de que haja quem o guie e quem o eduque, e, muito devido às teorias da liberdade sem responsabilidade.

O povo necessita educação, o povo é uma criança grande, que não lê quem o educa, embora possa ter quem o instrua.

Lembra-me certas crianças a quem os pais dão professores de luto, mas a quem as mães ocupadas pela sua vida de sociedade, por mil frotolidades muitas vezes, não dão a educação moral, essa educação que só pode ser dada por uma mãe, que com ternura se ocupe da alma de seus filhos.

A educação moral é a mais difícil de todas, e só com afecto e disciplina se consegue incutir-las nas crianças e no povo.

Tive a prova de que assim é, numa linda festa religiosa a que assisti na freguesia de S. Tiago de Anha, numa linda aldeia minhota entre montanha e mar, num delicioso e verde vale, que faz lembrar a doce paisagem inglesa pelo brilho dos seus verdes, cor de esmeralda.

Uma festa religiosa no Minho costuma ser uma festa pagã quase. Música, foguetes, ninho verde a rodos, lindas moçilas, bailarico e imensos namoros, elas de cravo na mão e lês de raminho de mangericó atrás da orelha.

Pois não foi uma dessas festas aquela a que me foi dado assistir, mas sim uma festa puramente religiosa e cheia de misticismo, mas desse misticismo, do povo que trabalha, que vive, que tem as suas alegrias, que sofre e que tudo faz pelo amor de Deus, com uma sã alegria e grande resignação.

Um tríduo e uma procissão Eucarística, isto nada quer dizer para os descrentes, mas para aquela boa gente minhota, representou uma bela ocasião de manifestar a sua fé.

E para o reverendo prior da freguesia uma ocasião de provar o que pode o esforço de trinta anos numa vida exemplar e de educação con-

as crianças que nela se incorporaram como lóda a gente da aldeia e da enorme freguesia não precisaram de polícia para não serem esmagados, nem empurrados.

E quando ao fim da linda tarde de Agosto junto ao Cruzeiro se elevou a voz dum sacerdote, sonora voz, que numa inteligente prática pediu as bênçãos do Céu para o povo, e, para os entes queridos que moirjam no Brasil, na França e na América, saudosas lágrimas corriam pelas faces que o sol doirou.

E, quando do Cruzeiro desceu sobre o povo a bênção do Santíssimo Sacramento, sobre um povo curvado, eu tive a impressão que era uma bênção de felicidade a que Deus Nosso Senhor mandava, a um povo tão crente, tão bom e tão educado.

É uma mulhersinha exprimi o sentir de todas, dizendo: "Minha senhora, para uma festa de lóda não é preciso música nem bailes, basta a fé em Deus e a alegria na alma..."

Essa alegria sã que torna fortes os bons.

Maria de Eça.

A Moda

DUMA elegância do melhor gosto a moda está-nos dando continuamente provas, de que a mulher há-de ser eternamente, a sercia, que procura agradar, a ave do paraíso que para a sua plumagem requer as mais mimosas cores, as mais elegantes formas.

Que longe estamos já das modas masculinas, dos feltros enterrados pela cabeça abaixo, dos vestidos curtos, por cima do joelho sem graça e sem elegância.

A moda novamente feminina sabe marcar a «toilette» segundo as horas e se para de manhã continua a usar-se o masculinismo levando a ousadia até a uso das calças, para a tarde são agora os vestidos que tornam uma senhora verdadeiramente elegante senhorio, do mais requinado apuro e distinção, que deve ser sempre a aspiração da mulher que quer ser elegante.

Para a praia damos hoje um lindo modelo em sêda lavavel forte ás riscas vermelhas, azues e brancas, as sandálias também ás riscas das mesmas cores são da máxima elegância. Na frente do vestido guardamecido o decôte, três flôres em

PÁGINAS FEMININAS

feltro, uma branca, outra azul e a terceira vermelha. O chapéu é em xadrez nas três cores e o mais próprio possível para praia.

Como «toilettes» para «yacht» temos o gracioso e ousado modelo, que faz duma gentil rapariga o mais delicioso «comodoro», que comandar o seu navio e os corações, que se lhe aproximarem. Calça em flanela branca com galões nas costuras em azul escuro. «Chandailles» em lá fininha, meia manga ás riscas brancas e vermelhas, casaco em flanela azul escura com botões dourados «bonet» azul com galões e emblema dourado.

É uma «toilette» um pouco atrevida mas bastante graciosa.

Para a vida na montanha temos duas simples e bonitas «toilettes».

Ali não se pode usar só «toilettes» frescas, é preciso também, vestidos em lá que abriguem do ar fresco que à tarde corre nas serras.

Para de manhã e hora do sol um vestido muito singelo em sêda azul claro e azul escuro ás riscas. O feltro abotoado de alto a baixo é da máxima simplicidade e tem apenas como garnição, as algebeiras, colocadas formando desenhos com as riscas e os botões em azul escuro e cinto em pelica.

O outro vestido é numa fazenda em lá. É um vestido inteiro, guardamecido a preguinhas e com um lindo cinto em cabedal.

A cor é um «bleu» muito claro e anima-o uma gravata que forma laço, em cores vivas e alegres.

Um largo e amplo casaco serve de abafio nas tardes em que a brisa é mais violenta, sem ser pesado, porque é do mesmo tecido do vestido.

O chapéu é em palha castanha guardamecido com uma «torçade» em sêda «beije», que forma um entrançado no «cacha-peito».

Muito prático qualquer destes vestidos.

Como «toilette» de cerimónia e «garden-party» nada pôde haver de mais belo do que o modelo que apresentamos que é duma elegância absoluta.

Vestido em «organza» de sêda preta com grandes flôres «impriméc» num rosa muito pálido, quasi branco.

Uma graciosa capinha sem mangas contribue para a sua magestade e é para notar que estão aproveitadas os flôres do «impriméc» para fazer barras e garnições do melhor gosto.

Grande chapéu em tule preto, guardamecido com um laço do mesmo rosa pálido, quasi branco, sombrinha em gaze reto e rosa, da última moda em feito completam esta encantadora «toilette» formando um admirável conjunto.

Higiene e beleza

A maior parte das senhoras preocupa-se com a beleza pensando que ela se obtém apenas com os crêmes e a «maquillage», quando a hygiene tem o mais importante papel para a beleza.

Respirar bem é uma das principais coisas e se não se fizer cultura fisica não se respira bem e a beleza ressentese.

O homem primitivo respirava, a sua caixa toracica era normal, mas naturalmente ele corria, subia ás árvores, fazia esforços prolongados, que o obrigavam a respirar profundamente, e a alargar a caixa toracica.

Quem nunca faz esforços, acaba por comprimir os pulmões. É como uma esponja fechada numa caixa de sabonete: não pôde dilatar-se.

É preciso anos para dilatar a caixa toracica. As caldeiras medem-se pela sua superficie, os pulmões também. Se os pulmões têm uma superficie, que é metade do que devia ser, o mesmo acontecerá á vida, uma vida sem cultura fisica diária é uma vida estragada.

Para ter bons pulmões, que de manhã e todos os dias uma hora e poder correr cinco minutos sem parar. Quem tem bons pulmões corre sem dificuldade durante cinco minutos.

Nenhum exercicio é melhor do que este. Se não houver espaço para correr, saltar á tarde durante cinco minutos, substitue a corrida com

vantagem, porque quem pôde saltar cinco minutos pôde também correr esse tempo.

Dormir com a janela aberta é também uma coisa, que muito contribue para conservar a beleza porque o respirar sempre ar renovado, faz um bem extraordinário.

Na alimentação reside também muito do que pôde contribuir para a beleza, e a mulher que tem uma boa saúde e um peso normal, com uma ligeira «maquillage» consegue ser bonita.

Os poucos cuidados higienicos e o excesso de «maquillage» é que muitas vezes prejudica a beleza em vez de a aumentar. Uma pessoa, fraca, doente ou obesa, por muitos crêmes e «maquillages» que empregue nunca pôde ser bonita.

Receitas de cosinha

Pudim de arroz com rim: — Coze-se primeiro o arroz com água e sal e uma cebola pequena. Quando estiver quasi cozido e enxuto, acaba-se de cozer com um pouco de leite e deita-se-lhe manteiga bastante para o temperar.

Barra-se uma fôrma de buraco, com manteiga e enforma-se o arroz. Corta-se o rim ás rodinhas, depois de lavado o tirado o vê que lhe pôde dar mau sabor. Saltea-se rapidamente com manteiga, tendo previamente passado por farinha de trigo.

Quando estiver quasi pronto, deita-se-lhe um copinho de vinho da Madeira, sal, pimenta, salsa picada e tapa-se a frigideira, para ferver um pouco.

Tira-se da fôrma o arroz, pondo o pudim numa travessa ou melhor ainda num prato redondo.



Deita-se o rim no buraco do pudim e, em volta deste e por cima, o mólho, que deve estar bastante grosso. É um prato muito saboroso e simples e que faz muita vista ao vir á mesa.

A mulher e a leitura

Neste tempo de férias, muitas senhoras aproveitam para ler.

É tudo o que há de mais justo e simpático, mas aquelas que durante o ano, não têm tempo de o fazer, pelas suas occupaões de donas de casa, ou de sociedade, devem orientar a sua leitura de maneira a tirar dela o maior proveito educativo, ao mesmo tempo que distraem o seu espirito.

Ler com método é o melhor sistema para adquirir conhecimentos.

Em cada período de leitura devemos escolher um assunto, historia, viagens, e ler de vez em quando um livro de romance para distrair, mas que seja qualquer coisa de interessante, que valha a pena de se lhe dedicar algumas horas.

Não se deve perder tempo a ler coisas sem utilidade e muitas vezes novas, que vêm despertar curiosidades dispensáveis, sobretudo nas raparigas muito novas.

A leitura deve ser um prazer, que nos deixe qualquer coisa de verdadeiramente útil.

Portanto deixemo-nos de perder tempo, que tão útil

pode ser, desperdiçando-o em más leituras e tenhamos o maior cuidado na escolha dos nossos livros.

De mulher para mulher

Fidaltria: Todo o desporto faz bem se a saúde é boa e o «ténis» só pode ser bom para uma rapariga nova. A natação é esplêndida mas não lhe aconselho que a faça sem consultar um médico. É perigoso tomar banhos de mar sem consultar.

Mariposa: Tenha cuidado e não queira ser muito mariposa, porque pode queimar as azas. Naturalmente que os vestidos leves são encantadores numa praia, quando faz calor, mas como só vai em Setembro aconselho-a a que leve algumas «chandailles» de malha de lá, que lhe devem ser de grande utilidade.

Violeta: Aproveite a estadia na quinta em qualquer coisa útil, em vez de se desolar porque está no campo na solidão.

Dedique-se a um estudo, de línguas por exemplo. Interesse-se pelas crianças pobres que a rodeiam, façam alguma coisa de útil e verá como os dias lhe passam rapidamente. Há meninas da sua idade e bem interessantes algumas que conheço, que vivem sempre nas suas propriedades e têm uma vida muito preenchida e agradável.

Pensamentos

Se a humanidade não se preocupasse tanto com pequenas coisas, a vida decorria com mais felicidade.

O encanto não reside na beleza, mas sim num conjunto de qualidades, que torna a mulher irresistível.

O que agrada muito a uns é insuportável a outros, para agradar é preciso ter a intuição do que convém a cada um.

Ser bela é um dom da natureza, ser boa é uma graça de Deus.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moossilábico, de Miguel Caminha.

IMPRENSA

Estudantes de Portugal — de Lisboa. Acabamos de receber a visita d'êste interessante e bem elaborado jornal dos estudantes portugueses, em que Octávio Rodrigues de Campos — «Sopmac» —, da nova geração charadística mas cheio de vontade e disposição para elevar a Arte, ensaia os primeiros passos de «Desporto Intelectual», secção que, num futuro muito próximo, há-de marcar como esplêndido elemento de propagação edipista. São êsses os nossos desejos e, estamos certos, são essas as intenções firmes do seu director.

Agradecemos a gentileza da oferta e auguramos longa vida á novel secção.

— *A Charada* — de Lisboa. — Acaba de ser dado á estampa *A Charada*, jornal essencialmente dedicado á arte de Édipo, iniciativa de charadistas de renome e profundos conhecedores do chão que pisam, de que muito há a esperar, se o auxilio de quantos com o charadismo lidam lhes não fôr negado, quer como simples compradores avulso, assinantes ou inscrevendo-se na *Liga de Auxiliares de «A Charada»*, cuja insignificante mensalidade está ao alcance ainda mesmo das mais modestas bolsas. Patrocinar esta interessante e útil iniciativa, que visa — como os seus criadores afirmam e a nós não repugna acreditar — unicamente a engrandecer e elevar bem alto o nome do charadismo luso, sem os mais leves fins comerciais — que os não pode ter, valha a verdade! — afigura-se-nos um dever que a todo o bom charadista se impõe.

Faltam bons meios de propaganda. É preciso, pois, não desprezar, mas antes amparar, todos os que honestamente os espíritos empreendedores nos oferecem, quantas vezes á custa de mil e incompreendidos sacrificios!

A Charada é um bellissimo repositório de produções da especialidade — vasta e bem elaborada colaboração — e apresenta-se com aspecto gráfico digno de todos os louvores.

APURAMENTOS

N.º 32

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

OLEGNA

N.º 12

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 10

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 11, Eu & Outro; n.º 2, Só Darco Jr.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 19 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávollo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Efonsa.

QUADRO DE MÉRITO

Salustiano, 11. — Rei-Luso, 11. — Só-Na-Fer, 11. — Só Lemos, 11. — Sonhador, 11. — João Tavares Pereira, 11. — Magnate, 11. — Ti-Beado, 9. — Lamas & Silva, 9. — Salustiano, 9.

OUTROS DECIFRADORES

Silva Lima, 5. — D. Dina, 5. — Lisbon Syl, — Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 — Saco-cola-sacola 2 — Mamo-moto-mamoto. 3 — Fica-cada-ficada. 4 — Fere-retro-féretro. 5 — Esmo-mola-esmola. 6 — Turba-

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 41

-multa. 7 — Mata-piolhos. 8 — Safanão. 9 — Viúvo. 10 — *Filargiria*. 11 — Lado, fado, ledo, laço, lada. 12 — *Vida sem amigo, morte sem castigo*.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A senhora tem um amor *feiteiro* no coração. (2-2) 3.

Lisboa

Dama Negra

2) O diabo, se isso demora, raspo-me sem tar-dança! (2-2).

Maíra

Deka

3) A *feiteira* quando tem *fome* torna-se *muller alegre*. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beado

NOVISSIMAS

4) Dei-te uma *bofetada* para abrires mais os *órgãos da vista*: e se continuas na mesma levavas um *bofetão* — 2-2.

Coimbra

John Biffe (C. C. C.)

5) Por causa do *dinheiro*, se bem que me *estimule*, ando sempre numa *salsada* — 2-2.

Lisboa

Lérias (T. E.)

6) Se lanço no *Oceano* um *porco*, êste converte-se em *gato bravo* — 1-1.

Luanda

Ti-Beado

(Ao girafa «Africanista»)

7) Veja se *come*, pois tenho *compaixão* de o ver tão *magro* — 2-1.

Lisboa

Veiga

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO



SINOPADAS

8) A parede do meu quarto de dormir é branca — 3-2.

Coimbra Aulis Yur (C. C. C.)

9) Neste caminho estreito está um guarda, que nos tolhe a passagem — 3-2.

Coimbra Bêbê (C. C. C.)

10) *Fracos* de espírito, maus de qualidades — 3-2.

Lisboa Doridóflês

11) Para acção *mesquinha*, rigoroso castigo — 3-2.

Ponta Delgada Jobema (... e T. E.)

12) Aquele instrumento de ferreiro sujou-me as *luvas* — 3-2.

Leiria Magnate

(Ao illustre «Carlos Elmano»)

13) Se queres *trabalhar* com acerto não se deve *apoquentar* — 3-2.

Lisboa Reinadio

14) O *bandoleiro* é o melhor guarda de uma *multidão de aves* — 3-2.

Luanda Ti-Beado

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

15) Se fôr em ó
Esta acabada,
Logo nos faz
Ver *bofetada*.

Findando em a Morrendo em ão
Pouco se agüenta, Está resolvida
Pois que depressa Esta questão
Ela *rebenita*, Só por medida.

Coimbra José Tavares

NOVISSIMAS

16) A tua **boca**, Maria, — 2

Tem a doçura do mel,

Nenhuma pastelaria

Vende tão doce pastel.

Um beijo, Maria, quero

Na tua boquinha dar,

Que eu prometo ser *sincero*... — 3.

P'ra, depois, continuar.

Satisfaz o meu desejo
Quando não fico escamado,
Pois tôda a vez que eu te vejo
Fico deveras... *psmado*.

Leiria Magnate

17) Se a coisa cheirar a *esturro* — 2.

E o caso fôr perigoso,

Eu prego «um» tremendo murro — 1.

Nas ventas dêsse *vaidoso*.

Tramagal Padre Matos

18) Sei que *esuso* de pensar — 3

Em ser «um» dia ricaço, — 1

Pois se eu nasci p'ra o azar,

De azarento jamais passo.

Ha tempos, julguei quebrar

O azar que me trespassa,

Tive a sorte de arranjar

Uma velhota ricaça.

Mas qual?! O meu caiporismo

E' tão forte, é tão valente,

Que cai a velha a um abismo

E morre rapidamente!

Assim, os dias da vida

Entre os azares vou passando,

Já tenho a mente perdida,

Vacilante vou andando.

Biscaia-Alb-a-Velha Olegna

SINOPADA

19) Aquele amor que *morreu*

Deixou-me o peito em ferida.

Triste sorte Deus me deu!

Antes me levasse a vida.

Emquanto, porém, a morte

Não acabar minha dor,

Terá meu peito por sorte

Ser *fiel* àquele amor. — 3-2.

Lisboa Dama Negra

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

« FIM DE SEMANA 1900 »

As elegâncias do fim do século passado evocadas nas brilhantes festas da Curia

RESULTARAM cheias de animação e pitoresco as festas que, sob a designação de «Fim de Semana 1900», se realizaram na Curia nos dias 17 e 18 do corrente. No Palace Hotel da formosa estância houve no primeiro daqueles dias um baile ao sabor do fim do século passado, que foi abrilhantado por intermédios cheios de graça. Um grupo de *girls* ensaiadas por Francis dançaram um trepidante *can-can* e Lino Ferreira, o popular Ribeirinho e Armando Rodrigues executaram números da época que a assistência aplaudiu. No domingo, à tarde, houve chá e baile na Piscina-Praia. Um numeroso grupo



de banhistas apresentou-se com fatos de banho de 1900. Esta parte do programa foi uma das que maior êxito obtiveram, tendo dado lugar a grande número de incidentes cómicos que Lino Ferreira comentou com excelente *verve*.

Pela sua originalidade, as festas do «Fim de Semana 1900» causaram verdadeira sensação e atraíram à Curia um público escolhido, que só teve de se felicitar por ali ter ido.





O Palácio Nacional de Sintra

O sr. Presidente da República instala-se em Sintra e visita a Adega Regional de Colares

A histórica e ridente vila de Sintra, um dos mais justamente apreciados centros turísticos do País, tem hoje como seu hospede o ilustre Chefe do Estado que, a convite da Câmara Municipal, se instalou no antigo Palácio Nacional onde passará uma temporada de alguns dias.

Neste convite gostosamente aceite traduzia fielmente o Município Sintrense o sentir unânime da sua laboriosa população que manifestamente exteriorizou a sua grande satisfação na festiva e entusiástica recepção com que saudou o Ex.^{mo} Presidente da República que teve o ensejo de constatar que aqui, também, dispõe da mais carinhosa simpatia, acrisolado afecto e sincero respeito.

Todas as classes sociais do Concelho, das mais elevadas às mais modestas, a que se juntaram os numerosos visitantes que aqui se encontram e os forasteiros que aos milhares acorreram, contribuíram espontaneamente para o excepcional brilhantismo que caracterizou essa recepção.

Verificou assim o sr. General Carmona os sentimentos de gratidão do povo de Sintra que vê, enfim, reatada a velha tradição, por largo tempo interrompida, de albergar a dentro dos seus muros o primeiro



O Chefe do Estado passando revista à guarda de honra

Magistrado da Nação. O Palácio Nacional foi por várias vezes, desde remotas eras, a residência preferida por várias testas coroadas. Os Reis da última dinastia não se dispensavam de passar aqui a época de verão, como o fizeram ainda D. Luís e D. Carlos.

Estas estadias que davam a Sintra certo cunho aristocrático movimentavam a sua vida mundana, animando sensivelmente o comércio local, o que sobejamente justifica a satisfação dos seus habitantes que alimentam agora a esperança de que esta curta estadia seja precursora de outras sucessivas e de mais larga duração.

Foi nesse sentido que o Presidente da Câmara Municipal ao receber no Palácio da Vila o sr. Presidente da República chamou a atenção do Chefe do Estado para as necessidades de Sintra, sob o ponto de vista turístico, e das palavras que em resposta proferiu o sr. General Carmona muito há a esperar em favor desta terra, que h-je constitue, sem possível contestação, um dos centros basilares do turismo nacional.

E bem merece todas as prosperidades por isso que os seus progressos são constantes e estão à vista de todos, para o que muito tem contribuído a acção das suas corporações oficiais de que se destacam a Câmara Municipal e a Comissão de Iniciação à frente das quais se encontram dois dos seus mais devotados amigos, os drs. Alvaro de Vasconcelos e engenheiro Almeida Graça.

O sr. Presidente da República ficou instalado na ala leste do Palácio, ficando assim livre, conforme sua espontânea indicação a parte reservada às visitas de excursionistas que não sofre a mais ligeira alteração.

Está organizada uma comissão de que fazem parte algumas senhoras da melhor sociedade de Sintra que vai organizar várias festas durante o estadia do sr. General Carmona.



Na inauguração do Palácio de Desinfecção

O dia 25 de Agosto marca uma data de que Sintra pode e deve orgulhar-se. Desde as primeiras horas da manhã os combóios, carros eléctricos, camionetes e autocars despejavam milhares de pessoas que se espalhavam pelos vários locais que a vila possui dignos de ser visitados, e este movimento ia engrossando à medida que se aproximava a hora indicada para a chegada do sr. Presidente da República.

Vão chegando as bandas musicais do concelho, as sociedades desportivas, as crianças das escolas, numa irrepreensível apresentação, corporações de bombeiros, alinhando-se todos pelas ruas do percurso.

A's quinze horas, com a presença do sr. Governador Civil e autoridades locais procedeu-se à entrega à Câmara Municipal do novo Posto de Desinfecção, mandado construir pela Comissão de Iniciação em terreno cedido pelo Município. O sr. engenheiro Almeida Graça explica que esta Comissão, a que preside, tomara esta deliberação porque fôra ela a causa da demolição do antigo posto, imposta por necessidade de ordem turística. Pôs em foco a valiosa colaboração do Município e do Governador Civil que tornaram exequível este empreendimento de tão alto interesse para as classes desprotegidas e para a própria higienização da vila. O sr. dr. Alvaro de Vasconcelos pôs também em devido destaque a notável acção da primeira autoridade do Distrito e o eficaz auxilio dos drs. Ferraz e Nunes Claro a quem este novo serviço muito fica devendo.

Terminada esta simples mas tocante cerimónia e depois de visitadas as instalações dirigiram-se as autoridades para a ponte dos Algarves, limite do concelho, afim de agradecerem ao sr. Presidente da República, sendo muito numerosos os automóveis particulares que antecipadamente tinham seguido a mesma direcção.

À hora indicada chegou ao local a comitiva do ilustre Chefe do Estado que vinha acompanhada de Cascais por bastantes automóveis. Depois dos devidos cumprimentos pôs-se em marcha o interminável cortejo que ocupava uma larga extensão do longo percurso, sendo recebido com entusiásticas palmas e vivas de enorme multidão que se apinhava nas ruas



Aguardando a entrada na Vila do Corção

conduzem ao Palácio Nacional. Repicam os sinos das igrejas, tocam estridentemente as businas dos automóveis, estrealam morteiros e foguetes, prolongando-se estas manifestações até que o sr. general Carmona entra no Palácio onde deu recepção às entidades que foram apresentar-lhe cumprimentos.

O resto da tarde e a noite inteira foram consagrados aos festejos populares com iluminações, concertos e um vistoso fogo de artifício que terminou bastante tarde, iniciando-se então o regresso dos forasteiros que por completo encheram os combóios e mais veículos cujos serviços tinham sido devidamente aumentados.

A despeito deste extraordinário movimento tudo decorreu na melhor ordem, não se registando o menor incidente.



A chegada do Presidente da República ao edifício da Adega

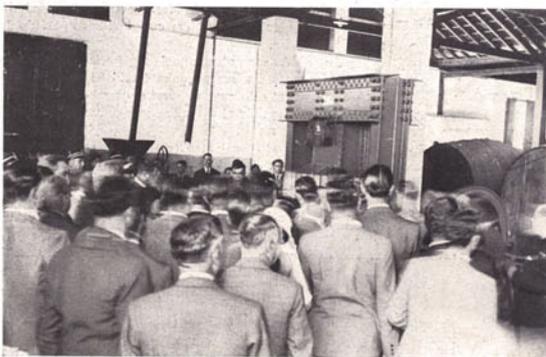
O sr. Presidente da República durante a sua actual e-tadia no Palácio Nacional de Sintra aproveitou o ensejo de visitar algumas localidades deste concelho onde se encontram elementos que exercem influência decisiva na sua vida económica.

Escolheu o ilustre Chefe do Estado para início dessas visitas a região de Colares que tem a recomendação do seu maior turístico pelas suas incomparáveis belezas naturais, a fertilidade do seu privilegiado solo que produz um dos melhores vinhos, o melhor mesmo na sua categoria, e onde nascem e medram os mais afamados pomares da nossa terra.

A curta distância de duas das mais vastas praias que o Atlântico banha, a Praia das Mações e a das Azenhas do Mar, com uma rede perfeita de comunicações por via eléctrica e autocars, completa-se assim, a Serra de um lado e pouco mais além o Oceano, a zona turística sintrese a que está assegurado um brilhante futuro, uma vez realizadas as suas legítimas aspirações.

Foi na ultima quinta-feira que o sr. general Carmona, a quem muito interessam todas as manifestações do trabalho nacional, visitou a Adega Regional de Colares, o mais perfeito organismo da sua especialidade entre nós, decisiva demonstração de quanto pode uma acção enérgica ao serviço de uma boa causa.

O problema dos vinhos de Colares arrastava-se sem solução aos após anos e improficuos e baldados se tornavam todos os esforços em



na inauguração da Prensa hidráulica

pregados em o resolver. E foram muitas as tentativas feitas, esbarrando sempre contra inexpugnáveis barreiras que inconfessáveis e ilegítimos interesses cimentavam.

A frente desse movimento destacou-se sempre o maior e mais dedicado paladino de Colares, o dr. Brandão de Vasconcelos cuja memória é venerada em toda a região, e não é exagerada a afirmativa de que a sua incansável persistência se deve, em grande parte, a solução definitiva do problema vinícola, assente hoje em bases sólidas e seguras.

Lá está na fronteira da Adega Regional as lápidas indelévels, com os nomes de Henrique Linhares de Lima, o ministro da Agricultura que a criou e de Brandão de Vasconcelos que iniciou a sua marcha, dois nomes que já mais Colares esquecerá.

O sr. General Carmona mostrou-se sensibilizado pelas manifestações de carinho da população local que acudiu até à exteriorizar o seu contentamento pelas medidas tomadas em sua defesa pelos Poderes Públicos. Tanto no acto da inauguração da nova prensa, da cantina dos operários, para cuja manutenção a Adega concorre com metade dos encargos, e ainda da cerimonia da condecoração de dois velhos trabalhadores vinhateiros, o ilustre Chefe do Estado e os ministros do Interior e da Agricultura que o acompanhavam foram entusiasticamente aplaudidos, aplausos de que compartilharam também os sr. drs. Guilherme Serra, Alvaro de Vasconcelos e o sr. Alberto Tota que actualmente dirigem, com inextinguível competência e dedicação, a Adega Regional de Colares.

Em 15 de Agosto de 1931 foi criada a Adega Regional de Colares, ponto de partida do actual organismo que tão grande e salutar influência veio exercer sobre a viticultura e vinicultura da região, que até essa altura marchavam numa irregularidade tal que, se não fossem as providências tomadas, o descrédito d'este vinho arruinaria por completo a principal riqueza local.

Comerciantes pouco escrupulosos, com algumas mas raras excepções, serviam-se desta marca para lançarem no mercado os seus produtos sem se preocuparem com a sua qualidade e com os seus legítimos interesses dos

lavradores, aproveitando-se assim do rótulo de Colares que realmente representa hoje o melhor dos vinhos de mesa portugueses, sem receio de confronto com os mais afamados das regiões vinícolas dos principais países, como a Espanha, a França e a Itália.

Quatro anos de existência conta pois a Adega Regional e neste prazo, aliás curto, transformou-se por completo a situação angustiosa em que a região se debatia.

Aberta a inscrição voluntária de sócios acorreram no primeiro ano, 83, número que ascendeu no ano seguinte a 140, a 200 em 1933, passando a 300 em Outubro de 1934, em que o actual Ministro do Comércio e Indústria, sr. Garcia Ramires, promulgou o Estatuto da Região, tornando obrigatória a inscrição na Adega Regional, de todos os lavradores.

Cabe aqui uma breve resenha sobre o que era e hoje é o fabrico do Vinho de Colares para melhor apreciação das incontestáveis vantagens do actual regime. Há nesta região duas qualidades de vinho, o chamado de qualidade e o de quantidade. O primeiro, de terreno de arca, ramisco, é o que disfruta de todas as características do verdadeiro Colares, e o segundo, muito embora puro e sadio, porque lhe faltam aquelas características, não pode ostentar esta marca.

Sucedida que os comerciantes adquiriram o vinho de ambas as qualidades e apesar da sua profunda diferença eram lançadas no mercado sob o mesmo rótulo de Colares. Bem palpáveis são já as vantagens da sindicalização dos lavradores e sensíveis os seus benefícios através da actual organização.

O vinho que hoje se vende como Colares, garantido com o selo da Adega Regional, onde todo é fabricado, é absolutamente puro e genuíno, proveniente das castas características dos terrenos de arca.

Os lavradores levam ali as suas uvas, que depois de examinadas e classificadas entram nos lagares, recebendo aqueles o valor do vinho fabricado com o desconto de 15 % que vai engrossar o capital da Adega até atingir os 1.500 contos estimados.

Tem ainda garantido o preço mínimo de desesate escudos por almude de 17 litros, contra de 8 a 10 que obtinham no mercado livre e encontram a crédito, no decurso do ano, sulfatos, adubos e enxofre necessários à sua lavoura e ainda batatas para sementes, cultura rendosa feita nos terrenos das vinhas.

Os vinhos da quantidade são vendidos como vinhos de mesa, sem a designação de Colares. Sendo a produção dos de qualidade em média de 3.000 pipas, foram já vendidas as de 1932 e 33, estando comprometido, em opção a comerciantes, a de 1934. Tendo os vinhos de Colares o estágio obrigatório, em armazem, de dois anos, verifica-se que a produção tem a sua colocação assegurada. As instalações da Adega Regional vão se aperfeiçoando dia a dia, dispondo já de um apetrechamento perfeito, de harmonia com as necessidades modernas que esta instituição exige.



O Chefe do Estado assina o acto da inauguração da Cantina

Palavras cruzadas

1	2		3		4		5		6	7
8			9	10		11			12	
		13						14		
15	16					17			18	
	19				20		21			
22				23				24		
	25		26					27		
28					29		30			31
		32			33					
34	35		36							37
38										39

Horizontais:

1 — Fazer voar; 5 — Orifício; 8 — Apelido; 9 — Figura (Latim); 12 — Duas letras da palavra «iva»; 13 — Meiga; 15 — Mover os remos; 17 — Doenças que caracterizam sufocações irregulares; 19 — Percorrer com a vista um texto escrito; 21 — Pres. do conj. de dirigir-se (Latim); 22 — Ovário do peixe; 23 — Igual; 24 — Substância de gosto acre; 25 — Ferro combinado com carbônio; 27 — Três letras consoantes; 28 — Fazeis uso; 30 — Triturais; 32 — Levantáveis; 34 — Artigo; 36 — Aplana; 37 — Bôca (Latim); 38 — Duas vezes três; 39 — Sorriso.

Verticais:

1 — Dar ensejo a; 2 — Nota musical; 3 — Pôr em versos rimados; 4 — Grande extensão de água; 5 — O verbo «ser»; 6 — O verbo «rir»; 7 — Corpo orgânico, que se forma na fêmea de muitos animais; 10 — Maior; 11 — Possessão portuguesa na Índia; 13 — Fazei ameaças; 14 — Convertas em massa; 16 — Cidade de Portugal; 18 — Gostei (Latim); 20 — Família; 26 — O verbo «ouvir»; 27 — Flutuar; 28 — Frutos de videira; 29 — Substância que serve de tempêro; 30 — Espaço de tempo; 31 — Tino; 33 — Desprezível; 35 — Pronome; 37 — Artigo.

Descoberta musical

O director do Instituto das pesquisas musicais, em Berlim, sr. Fritz Bosc, descobriu numa coleção particular, o registo de uma dança húngara de Brahms, tocado pelo próprio compositor.

Esse registo foi gravado sobre cilindro, em Viena, em 1880, na ocasião em que Edison visitava a capital austríaca com o seu agente Teodoro Wamgemann, que introduziu o fonógrafo na Euroda. O dito registo foi reproduzido em vários exemplares.

Ironia britânica



— Diga-me, Matilde, não achava acertado que nos casássemos?
— Eu, pela minha parte, penso fazê-lo; agora, você, faça o que lhe parecer.

Do Windsor).



Bridge

(Problema)

Espadas — A., R.
Copas — 5, 2.
Ouros — 3, 2.
Paus — 2.

Espadas — — — —. N Espadas — D., V.
Copas — R., V., 10, O Copas — 4, 3.
9. O E Ouros — 5, 4.
Ouros — R., V., 10. S Paus — R.
Paus — — — —. S Espadas — 2.
Copas — A., D.
Ouros — A., D.
Paus — A. 3.

Sem trunfo. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga duas vezes trunfo e N balda-se a duas cartas de paus. Se E se baldar a espadas e ouros, S joga o oito de espadas, N cobre com o Az e volta a jogar o mesmo naipe dando a mão a S com o rei. S joga ouros, E cobre e é obrigado a dar a N duas vasas em paus.

Se E se baldar a duas espadas nas duas vasas de trunfo, e em seguida, a ouros na segunda vasa de espadas, o resultado será o mesmo. Mas, se depois das duas baldas de espadas E se baldar a paus em vez de ouros, S, depois de ter pegado com o Rei de espadas joga umas espadas pequenas dando a mão a O. N faz assim as suas duas vasas de paus.

Os erros de desenho

(Solução)

- Foram 5 os erros cometidos:
1.º As folhas de miosótis substituíam as folhas das violetas.
2.º As folhas das violetas substituíam as folhas das dalias.
3.º As folhas das dalias substituíam as folhas dos miosótis.
4.º As duas dalias, branca e encarnada, deviam ter sido colocadas sobre duas hastes diferentes.
5.º Os botõesinhos ligados ao ramo de dalias, pertenciam ao ramo de miosótis.

Xadrez

(Solução)

1 D — 2 C | 2 T — 5 B R | 3 D — 8 T +
P × P | R — | M.

Comércio de serpentes

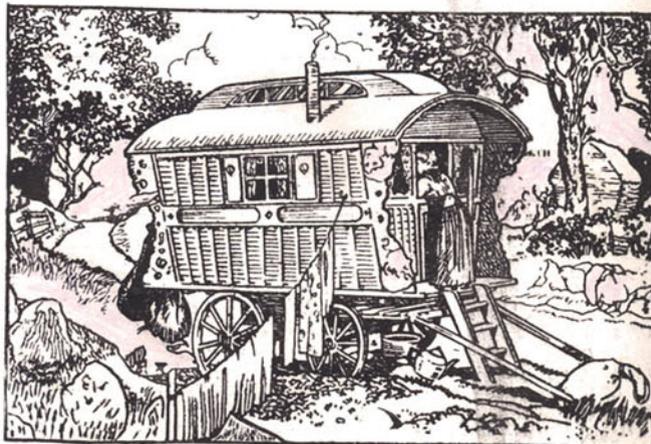
A venda de serpentes constitui um comércio muito próspero e a prova é que dêle vivem hoje os camponeses de Herzegovina, cujos produtos agrícolas se vendem mal devido ao período de crise.

As serpentes naquela região são muito numerosas e a sua peçonha é utilizada para o tratamento do cancro, servindo também para o fabrico dum soro muito eficaz contra a mordedura dos reptis.

Todos os dias partem da Herzegovina, grande quantidade de caixas de serpentes vivas, com destino principalmente, à França e à Alemanha. É de esperar, para bem dêles, que os guardas da alfandega não tenham a curiosidade de abrir semelhantes caixas.

Onde estarão?

(Passatempo)



Nesta gravura estão escondidos quatro membros duma família cigana, um burro, dois cães, e um cavalo. Todos êles se podem vêr perfeitamente. É questão de os saber procurar.

Saber desviar a familiaridade do trato amigável é ciência menos cultivada do que merece. — Oxenstiern.

Não há mulheres feias; há somente mulheres que não sabem como hão-de parecer bonitas. — Beryer.

Um inimigo da T. S. F.

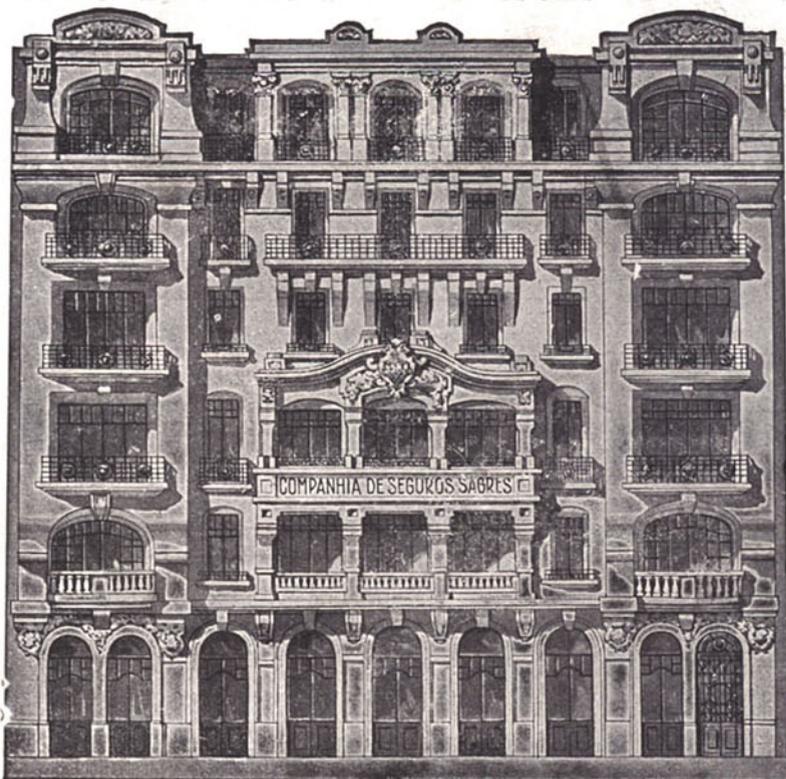
Segundo afirma um jornal de Budapeste, Pietro Mascagni, o conhecido compositor italiano é inimigo irreductível da T. S. F.

Muitas pessoas, suas amigas, têm procurado debalde congraçá-lo com a rádio, chegando inclusive, a oferecer-lhe esplêndidos aparelhos receptores.

O autor da «Cavalaria Rusticana» devolve-os imediatamente e diz que não pode tolerar semelhante cousa em casa.

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Obras de AQUILINO RIBEIRO

- ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado..... 5\$00
- ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. 12\$00
- ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado..... 12\$00
- FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado..... 12\$00
- O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. 12\$00
- JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado 12\$00
- TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado..... 12\$00
- VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado 12\$00
- A BATALHA SEM FIM (Romance — 308 págs., brochado... 12\$00
- AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado 10\$00
- MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado..... 12\$00
- É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado 12\$00
- ROMANCE DA RAPOSA, 2.^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres..... 15\$00
- ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.^a parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5 — 2.^a parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.^a parte — *América do Sul*. 1 vol.
10 — 2.^a parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
11 — 3.^a parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.^a parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.^a parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.^a parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
15 — 2.^a parte — *O abandonado*. 1 vol.
16 — 3.^a parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.^a parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
18 — 2.^a parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.^a parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
20 — 2.^a parte — *A ilha errante*. 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.^a parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24 — 2.^a parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.^a parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
27 — 2.^a parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.^a parte — *A chama errante*. 1 vol.
32 — 2.^a parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.^a parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
34 — 2.^a parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 1.^o vol.
36 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 2.^o vol.
37 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
38 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
39 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
40 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kéran, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.^a parte — *De Constantinopla a Scutari*.
44 — 2.^a parte — *O regresso*. 1 vol.
45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.^a parte — *O pombo correio*. 1 vol.
48 — 2.^a parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
49 — 3.^a parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.^a parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
54 — 2.^a parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.^a parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
57 — 2.^a parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.^a parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
59 — 2.^a parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
César Cascabel:
- 61 — 1.^a parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.^a parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.^a parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
64 — 2.^a parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.^a parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
68 — 2.^a parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentos**, trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.^a parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71 — 2.^a parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.^a parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
74 — 2.^a parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a côres, por <i>Manuel de Macedo</i> e <i>Roque Gameiro</i> . 3 vols. de 700 págs, cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Eamundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Burtili</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de <i>Julio Verne</i> . 1 vol, formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ..	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guiomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I—O anão de Rhadameh; II—Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas côres; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> , 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a côres, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 5 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guiomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 % sobre o valor de cada obra.

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História.

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.ª EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a côres . . . 10\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
 " " " " carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73, 75—LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**
1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA